



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS — UFAL

BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PAULO MANOEL DE OMENA CELESTINO

Transformações Urbanas e a perpetuação da precarização do Bairro Vergel do Lago e Orla Lagunar.

MACEIÓ

2024

PAULO MANOEL DE OMENA CELESTINO

Transformações Urbanas e a perpetuação da precarização do Bairro Vergel do Lago
e Orla Lagunar.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharelado em Ciências Sociais pelo Instituto de
Ciências Sociais da Universidade Federal de
Alagoas (UFAL), sob a orientação do Prof. Dr. João
Batista de Menezes Bittencourt.

Maceió, 2024.

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Sâmela Rouse de Brito Silva – CRB-4 – 6023

C392t Celestino, Paulo Manoel de Omena.
Transformações urbanas e a perpetuação da precarização do bairro do Vergel
do Lago e Orla Lagunar / Paulo Manoel de Omena Celestino. – 2024.
78 f.: il. color.

Orientador: João Batista de Menezes Bittencourt.
Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Ciências Sociais:
Bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências
Sociais. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 76-78.

1. Transformação urbana. 2. Precarização urbana. 3. Políticas públicas.
I. Título.

CDU: 316.42(81)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 04 (quatro) dias do mês de dezembro do ano de 2024, às 10 horas compareceu perante a banca Examinadora o(a) aluno(a) Paulo Manoel de Omena Celestino autor(a) do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado Transformações Urbanas e a perpetuação da precarização do Bairro Vergel do Lago e Orla Lagunar

sendo a Banca Examinadora constituída pelos professores: João Batista de Menezes Bittencourt (orientador/a), Jose de Oliveira Júnior e Rafael de Oliveira Rodrigues

que atribuíram respectivamente as seguintes notas: 1º examinador 9,0 (nove), 2º examinador 9,0 (nove), 3º examinador 9,0 (nove), cuja média aritmética é 9,0 (nove), tendo a referida banca considerado(a) aprovado(a) e apto(a) para a Colação de Grau de Bacharel em Ciências Sociais.

E por estar conforme, eu técnico do Instituto de Ciências Sociais lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos membros da banca e pelo Diretor do Instituto de Ciências Sociais.

1º Examinador(a): gov.br JOAO BATISTA DE MENEZES BITTENCOURT
Data: 04/12/2024 11:54:23-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

2º Examinador(a): gov.br JOSE DE OLIVEIRA JUNIOR
Data: 09/12/2024 08:27:58-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

3º Examinador(a): gov.br RAFAEL DE OLIVEIRA RODRIGUES
Data: 09/12/2024 09:33:12-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Diretor(a) do Instituto de Ciências Sociais gov.br LUCIANA DA CONCEICAO FARIAS SANTANA
Data: 12/12/2024 08:09:40-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Coordenação do Curso de Ciências Sociais gov.br EMERSON OLIVEIRA DO NASCIMENTO
Data: 12/12/2024 10:07:34-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

**A todos moradores da região lagunar, para que a nossa história não seja
nunca esquecida.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas mães, Silvania Maria e Eneida Cândida que a vida me deu oportunidade de ter e que já não se encontram presente para prestigiar este momento. Meu amor por vocês é incomensurável até a eternidade.

Agradeço ao meu pai, Paulo Humberto, por todo apoio e incentivo durante a vida e por ter me proporcionado as oportunidades de vida e estudo que me permitiram estar onde estou e por ser meu pilar.

Aos meus irmãos, Bruno, Pedro e Luiz Gustavo, pela irmandade, amizade e carinho que me deram, sem vocês eu não seria capaz de chegar até aqui, vocês são a minha inspiração diária.

Aos meus avós, Maria José, Maria Lúcia e Joanisio, pela criação que tive e por nunca deixar nada faltar.

Ao meu amor, Thaís, pelo companheirismo, paciência, amor e suporte nos momentos mais difíceis que enfrentei, e por ter sido meu porto seguro em todos esses anos, sem você eu não seria capaz.

Às minhas cunhadas Maria Wellyselir e Aline, pelo carinho e paciência com o caçula da família.

As minhas sobrinhas, Maria Beatriz e Maria Silvânia e minha cunhada Elisa, obrigado pela oportunidade de ser tio de vocês.

A todos meus tios, tias, primos, primas de Maceió, São José do Rio Preto e Paranaíba, por todo acolhimento que sempre tive, independentemente de onde estivesse.

Aos meus amigos de infância em Maceió, Victor, Milena, André, Pedro, Renata e Laura, obrigado por nunca terem se afastado.

Aos meus amigos de São José do Rio Preto, Lucas, João Vitor, Felipe, Bruno, Heitor, Arthur A. e Arthur I., Matheus, Vitor, Daniela e Gabriela. Eternamente grato por ter tido vocês em minha vida, sinto a falta de cada um de vocês.

Aos meus amigos Diogo, Edivaldo, Valber, Yuri, Vitor, Antônio e Gustavo, por me acolherem neste retorno a Maceió.

Aos meus amigos do ICS, Júlia, Lucas, Carlos, Cristina, Luiza, Leonardo.

Agradeço também aos meus companheiros de LABJUVE, meu grupo de pesquisa na universidade federal de alagoas, que me abriram portas às pesquisas acadêmicas além do companheirismo.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento especial a meu Orientador, João Bittencourt, pelo acolhimento e por ter aceitado encarar esse desafio apesar de todas as dificuldades encontradas.

RESUMO

A pesquisa trata da urbanização e da continuação da precarização do bairro Vergel do Lago, Maceió, AL, com a consideração dos fatores históricos, políticos e sociais que configuraram sua formação e desenvolvimento. O trabalho inicia com a contextualização da formação histórica do estado de Alagoas e da capital, apresentando o Vergel como um reflexo das dinâmicas urbanas excludentes e do planejamento desigual. Assuntos de interesse são abordados como a construção do Dique-Estrada e projetos de urbanização, os quais documentam a desatenção histórica para com a população local e a manutenção das desigualdades socioeconômicas. Por fim, a pesquisa acredita que os processos de transformações urbanas da região mantiveram um ciclo de exclusão social e perpetuação das dinâmicas de precarização regional, observando os planejamentos e perspectivas de futuro para novas políticas de planejamento e sustentabilidade urbana.

Palavras-chave: Vergel do Lago. Transformações Urbanas. Precarização. Espaço Urbano. Desigualdade social.

ABSTRACT

This study examines the urban transformations and the perpetuation of precarious conditions in the Vergel do Lago neighborhood, Maceió, AL, analyzing the historical, political, and social factors shaping its formation and development. It contextualizes the historical evolution of Alagoas and its capital, positioning Vergel as a reflection of exclusionary urban dynamics and unequal planning. Key events, such as the construction of the Dique-Estrada and urbanization projects, are discussed to highlight historical neglect and sustained socioeconomic inequalities. At last, the research believes that the urban transformation processes that the neighborhood went through kept a perpetual cycle of social exclusion and perpetuation of the dynamics of precarious conditions in the lagoon region, observing plans and challenges of urban planning and urban sustainability ahead of the future.

Keywords: Vergel do Lago. Urban Transformations. Urban Spaces. Social Inequality. Precariousness.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AAP: Área de Alta Privação

ABP: Área de Baixa Privação

BPC: Benefício de Prestação Continuada

CPF: Cadastro de Pessoa Física

CELMM: Complexo Estuarino Lagoa Mundaú-Manguaba

DUMA: Departamento de Urbanismo e Meio Ambiente

IBAM: Instituto Brasileiro de Administração Municipal

IBP: Índice Brasileiro de Privação

NAF: Naval Air Facility

ONU: Organização das Nações Unidas

PAC: Programa de Aceleração do Crescimento

PANAIR: Pan American World Airways

PIB: Produto Interno Bruto

PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

RG: Registro Geral (Documento de Identidade)

SALGEMA: Salgema Indústrias Químicas S/A

SAVEL: Sociedade dos Amigos do Vergel

SM: Salário-Mínimo

SNIS: Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento

SSS: Salt, Sun, and Sea (Sol, Areia e Mar)

UFAL: Universidade Federal de Alagoas

UTF: Urban Task Force

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. Processo histórico de formação social do Estado de Alagoas e contextualização da formação urbana de Maceió.....	16
1.1 A comarca de Maceió, a nova Capital Alagoana.....	19
1.2 Primórdios de organização no espaço geográfico que compunham a orla lagunar. (1840-1929).....	20
1.3 “Marco 0” da criação do Vergel do Lago quanto bairro e espaço social....	22
2. Transformações urbanas do Vergel do Lago e as peculiaridades encontradas no seu processo de transformação histórica.....	25
2.1 Papel da Aviação e Segunda Guerra Mundial na modificação do espaço físico do vergel.....	27
2.2 As transformações iniciais no período pós-guerra.....	34
3. Dique-Estrada: maior ponto de transformação urbana na Orla Lagunar.....	40
3.1 Sua construção e as subseqüentes tentativas de urbanização da orla lagunar.....	43
4. A Atualidade do Vergel do Lago e o retrato socioeconômico de sua população.....	52
4.1. Educação.....	54
4.2. Trabalho e Renda.....	55
4.3. Assistência Social.....	58
4.4 Saneamento e Acessibilidade a água na região Lagunar.....	58
4.5 Habitação e dinâmica imobiliária.....	65
4.6 Aspectos da Violência Urbana.....	66
5. Considerações finais.....	69
Referências Bibliográficas.....	73
Outras Referências.....	76

INTRODUÇÃO

A região da orla lagunar de Maceió, composta pela lagoa Mundaú, representa um dos pontos mais importantes do espaço urbano da capital alagoana, tanto pelo seu papel histórico nas dinâmicas socioeconômicas não só de Maceió, mas de outras cidades integrantes do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú-Manguaba (CELMM). Na capital, sua extensão engloba os bairros do Vergel do Lago, objeto de estudo deste trabalho, assim como os bairros Trapiche da Barra, Levada e Ponta Grossa, consistindo em uma população de cerca de 120 mil habitantes (IBGE, 2012).

Apesar do seu potencial cultural e econômico, e da sua participação histórica o que se notou nas transformações urbanísticas no desenvolvimento urbano tanto de Maceió quanto do Vergel do Lago, foram processos cíclicos de desvalorização e desatenção para e com a região, seguidos de tentativas de potencialização do espaço natural e paisagístico da região.

Neste trabalho, busco fazer um recorte histórico e contínuo dos processos políticos e desenvolvimentistas que fomentaram e perpetuaram os problemas e conflitos relativos às dinâmicas urbanas e sociais do Vergel do Lago. Analisando como a falta de um planejamento urbano na região a partir da transferência de capital do estado, proporcionaram um estado de precarização da sua população, atrelada a uma política urbanística dos “dejetos” e restos, que resultaram em uma precarização da ocupação socioespacial e da construção de infraestruturas desde sempre voltadas para uma população em condição de vulnerabilidade econômica e social. Nesse sentido, observa-se dois períodos neste processo histórico, separados pela construção do Dique-Estrada nas décadas de 70 e 80.

A partir de uma abordagem interdisciplinar, que articula referências históricas e sociológicas, além da utilização de materiais interligados com o urbanismo. Este trabalho propõe-se a desvendar as contradições e resultados destas transformações do bairro na dinâmica de seu desenvolvimento. Na primeira parte do trabalho apresento um traço histórico da formação social de Alagoas. Em segundo momento, é feito um panorama das transformações urbanas anteriores ao desenvolvimento de

fato de uma estrutura de planejamento urbano no estado de Alagoas e prefeitura de Maceió. Em terceiro lugar, abordo a Construção do Dique-Estrada e como os projetos subsequentes perpetuam as desigualdades socioeconômicas da região. Por fim, trabalho com os dados recentes desenvolvidos pela ONU-Habitat nos desafios e perspectivas de desenvolvimento na contemporaneidade do bairro e região lagunar.

Para isso, foi utilizado uma metodologia de análise descritiva analítica, visando observar e descrever as características da população da região lagunar, o objeto de estudo central do trabalho. A pesquisa foi realizada com o auxílio de pesquisa documental, com a utilização e análise de documentos e fontes históricas, documentos, jornais, revistas, com o apoio dos materiais disponibilizados tanto pela universidade, pelo quadro de disciplinas do Instituto de Ciências Sociais, a utilização do Arquivo Público do Estado de Alagoas e da Biblioteca pública de Maceió. Além da descrição dos eventos, uma perspectiva analítica dos padrões, relações e causas dos processos estudados. Em relação ao acesso ao material, foi necessário o cadastro no Arquivo público, com a seleção de documentos disponibilizados no acervo que possuem, a partir da solicitação dos das documentações disponíveis em sua catalogação, é liberado aos poucos os materiais de forma presencial.

O bairro do vergel tem um papel muito importante na minha construção enquanto pessoa quanto na formação e estabelecimento da estrutura familiar, meus avós, Maria Omena e Joanisio Omena, os quais me criaram desde o berço, fazem parte deste cotidiano vergelense há mais de 60 anos, e não só acompanharam essas transformações históricas no escopo urbano, como também foram elementos participantes na constituição do espaço social do bairro. Ambos estiveram envolvidos com a educação do bairro, participando da história do Colégio Municipal Rui Palmeira e do Antigo Colégio Cenecista Élio Lemos, tanto como professores, meu avô professor de história e minha avó de Filosofia e Matemática. Avó esta, que também já ocupou o cargo de direção no Rui Palmeira e chefia de Gabinete da educação municipal de Maceió. Com isso, cresci sempre ouvindo histórias sobre o Vergel antigo, das etapas vividas por eles em sua vida no bairro e toda construção de nossa estrutura familiar se moldou em meio a estas estruturas e transformações, da qual residimos em grande parte até os dias atuais.

Entretanto, pouco antes da adolescência me mudei da cidade de Maceió e passei a perceber o bairro apenas em férias, até meu eventual retorno durante ao bairro pouco antes da eclosão da pandemia vivida em 2020. Nesse meio tempo, entrei nas Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e consequentemente passei a observar o cenário do bairro de uma perspectiva diferente, tanto pela idade quanto pelo escopo de estudo do qual agora eu fazia parte. Uma coisa se manteve constante durante este período, a precarização e carência socioeconômica da região, assim como as políticas públicas existentes na construção urbana e no atendimento ao bairro nunca de fato visaram uma solução ou perspectivas de melhoras para o cenário pauperizado existente em uma região tão marcante não só para mim como no espaço alagoano. Com isso, questionei quais os motivos por trás do desinteresse histórico no desenvolvimento e planejamento urbano da região, além dos motivos por trás da falta de perenidade nestes processos de ocupação da zona centro-sul alagoana, para observar os impactos negativos no desenvolvimento desta região.

1. Processo histórico de formação social do Estado de Alagoas e contextualização da formação urbana de Maceió

Antes de abordar acerca das transformações urbanas ocorridas, é importante contextualizar a história do bairro Vergel do lago, a contextualização dos eventos e acontecimentos que tomaram parte durante todo o processo da formação histórica e social do estado de Alagoas e conseqüentemente de Maceió, passando por um breve traço cronológico da história.

Nosso estado sempre esteve diante de relações de conflito e poder marcantes em seus diferentes períodos, desde as primeiras embarcações portuguesas em terras brasileiras responsáveis pela "descoberta" das terras e o breve abandono até a conseqüente colonização das terras no Séc. XVI. As terras que compõem o que hoje é o estado de Alagoas eram, a priori, um núcleo secundário da capitania de Pernambuco e teve como primeiro estabelecimento em seu território à construção do que hoje é a cidade de Penedo, havendo divergências a respeito da data específica, Thomaz do Bonfim Espíndola, historiador e geógrafo alagoano nos diz que a formação se deu entre 1522 e 1535, mas há também escritos por parte do cientista social Manuel Diegues Júnior que tratam da fundação por meados de 1558.

As dinâmicas de conflito são pautas recorrentes durante toda nossa história, e teve continuidade na região com a guerra holandesa, de suma importância histórica para o contexto desenvolvimentista da região. Durante o governo de Mathias de Albuquerque irmão do quarto donatário da capitania que a guerra/invasões Holandesa eclodem. Alagoas foi um dos palcos e canva para uma complicada relação conflituosa que envolvia Espanha, Portugal e Holanda e as respectivas dinâmicas coloniais da época. Em dezembro de 1631 que alagoas começa a atuar enquanto palco desta guerra, que na época contava com três povoações maiores, a de Penedo, pioneira no território; Magdalena e Porto Calvo. a campanha para as Alagoas visava então se apoderar de Porto de Pedras e de Porto Calvo e observou-se uma série de eventos destrutivos do território. A tomada da produção bovina e dos recursos de Camaragibe; as pilhagens do Francês (Magdalena) e devastação da região; a resistência tenaz de Santa Luzia e suas forças militares, é

durante este período que vemos os primórdios da separação de alagoas do território pernambucano (Brandão, 1909. p. 13).

É importante ressaltar neste contexto de invasão holandesa, a participação de Calabar e Sebastião de Souto nos conflitos. Calabar, desertou do lado lusitano e auxiliou os holandeses nas invasões nos territórios pernambucanos devido à falta de valorização e reconhecimento dos lusitanos e exerceu segundo alguns historiadores papel decisivo nessas campanhas. Já Sebastião de Souto, nativo da região, se dirigiu ao lado holandês com informações falsas que mudaram a maré do conflito momentaneamente para o lado lusitano. Com isso houve uma vitória nesta batalha e levou a prisão e posterior execução de Calabar em Praça pública. Novas configurações de defesa e da organização estrutural foram mudadas após esse evento, como por exemplo, a mudança dos centros de operações de Alagôa do Sul (Magdalena) para Porto-Calvo, além da elevação das três provações anteriormente mencionadas em Villa. Alagoas tornou-se brevemente um tipo de refúgio para aqueles que buscavam fugir dos holandeses (ibid., p. 20).

Posteriormente, por volta de 1637 que chega a território sul-americano as frotas de Maurício de Nassau, ordenando ataques de retaliação a Porto-Calvo e demais fortes da região, além do plano de invasão e tentativa de conquista do território da Bahia. Somados a lentidão de defesa do lado Lusitano mais a capacidade de Organização de Nassau e das Índias Ocidentais houve em 1640 a reconquista de independência portuguesa em relação a Espanha, e após isso um armistício com duração de uma década, que permitiu a Companhia das Índias Ocidentais se estabelecerem e conquistar mais territórios no Nordeste da colônia portuguesa (ibid., p. 21).

Por volta de 1644 após desavenças de Nassau com as Companhias da Índias Ocidentais e o enfraquecimento das relações com os senhores locais foram fomentando o que fora conhecido como Insurreição Pernambucana em 1645 que perdura até a expulsão definitiva dos Holandeses em 1654 e a retomada do domínio territorial pelos portugueses (ibid. pp. 25-29).

Pouco mais de meia década depois, Alagoas torna-se oficialmente comarca pernambucana (1711) e teria se perpetuado como tal por volta de um século. Durante este século começou-se a formar no credor popular um sentimento de

revolta com e contra o domínio da metrópole e tornara-se inevitável o processo de independência das comarcas. Também de suma importância histórica, a revolução pernambucana de 1817 é marco histórico na transformação de Alagoas, uma vez que mais uma vez está se encontrava como palco de conflitos políticos da região, de forma a minar a força de Pernambuco, Alagoas fora recompensada pelos esforços na contenção da rebelião Pernambucana e é concedida o título de Capitania independente. Importante notar que não há historicamente no estado de alagoas um período de estabilidade (ibid., pp. 33-50), logo após a transformação em capitania, há o decreto e Proclamação da Independência do Brasil do Reino português em 1822, e dois anos após a novamente a participação do território e de seus agentes em mais um evento conflituoso, desta vez marcados pela Revolução de 1824 (ibid., p.53).

Sendo assim, seguindo os desdobramentos do desenvolvimento alagoano, temos em 1839 então, a transferência da Capital da capitania de Alagoas, que agora teria como capital a Comarca de Maceió, simbolizado pela transferência do baú de Tesouro da província, transformando-se então no novo polo administrativo e político do estado e um novo marco no processo do desenvolvimento do comércio e da industrialização na região (ibid. p.69).

Considero dois pontos recorrentes no contexto histórico do território alagoano de extrema importância em todas suas dinâmicas sociais, em primeiro lugar, é que a participação das grandes bacias hidrográficas que compõem nosso território e claro todo corpo d'água que delimita a região e consequentemente seus territórios, sua estrutura e suas relações, sendo estas as Bacias do São Francisco ao Oeste do estado e do Atlântico Nordeste Oriental ao leste do estado, assim como as lagoas Mundaú e Manguaba. Em segundo lugar, observa-se que o histórico da formação do estado se deu por meio de conflitos internos e externos, tendo sua região sido palco de um contexto cíclico de produção e destruição seculares, o que nunca permitiu a estabilidade e um desenvolvimento planejado, claro, dentro da medida do possível do planejamento no contexto econômico colonial e em seu período de transição republicano.

1.1 A comarca de Maceió, a nova Capital Alagoana.

A transformação de Maceió enquanto nova capital do estado/comarca acarreta algumas transformações na dinâmica comercial e estrutural do estado. Anteriormente as comarcas de Porto-Calvo e Penedo possuíam características distintas em sua economia, tendo em conta que a primeira dependia mais da economia escravagista dos grandes engenhos da região, que foram ponto de disputa histórica conforme mencionado nos conflitos e guerras luso-holandesas. Enquanto Penedo, e aqui não digo que esta não possuía economia escravagista ou engenhos em sua composição econômica, tinha uma menor participação do que o de costume em seu contexto.

Maceió, porém, não alcançou sua importância e relevância popular a partir dos engenhos, mesmo tendo o Engenho Massayó como primeiro núcleo de sua composição urbana. Para Dirceu Lindoso (2000), o principal ponto de desenvolvimento da cidade foi marcado pelo “caminho que ligava as terras úberes do vale do Mundaú, por meio da Lagoa do norte, ao porto Natural de Jaraguá”. Maceió serviu como um centro de encontro dos principais ativos econômicos da exportação, as mercadorias eram facilmente armazenadas em Maceió e garantia uma facilidade aos navegadores, tendo justamente pela facilidade de encontro entre o transporte da lagoa do norte para o porto/ancoradouro de Jaraguá, o historiador alagoano Eduardo Ticianelli (Blog História de Alagoas.)¹, também aponta que também foi de suma importância para essa consolidação de toda movimentação portuária de Maceió a abertura dos portos brasileiros a diferentes nações após a proclamação da independência, principalmente com a grande economia naval inglesa.

Por volta da década de 40 do Séc. XIX que o império brasileiro começa a assistir e participar de um surto de progresso e expansão econômica, de certa forma, reflexo dos acontecimentos ao redor do mundo, considerando o enfraquecimento da colônia portuguesa e da colonização espanhola na América latina, nesse período a grande parte da América espanhola já se encontrava liberta das amarras do colonialismo ibérico. A dinâmica do capital inglês ingressando no

¹ Vergel do Lago, dos sítios até a Virgem dos Pobres – História de Alagoas

Brasil. Em suma, foi um dos principais períodos de transformações econômicas no estado/província de alagoas

1.2 Primórdios de organização no espaço geográfico que compunham a orla lagunar. (1840-1929)

Gostaria de esclarecer antes de iniciar este capítulo, que para compreensão da história do Vergel e de suas transformações históricas também é necessário a análise de algumas políticas desenvolvimentistas e urbanísticas dos bairros que também compõem a região lagunar, como a Levada, Ponta Grossa, Trapiche da Barra

Não consegui durante a busca por registros e realização da pesquisa encontrar uma documentação oficial ou registros concretos de quando o Vergel do Lago fora oficialmente tratado e considerado enquanto um Bairro da cidade de Maceió, mas suas primeiras representações podem ser encontradas por volta de 1848. O atual bairro do Vergel e os bairros vizinhos como Levada e Ponta Grossa que compunham o extremo sul do território da capital faziam parte de um grande sítio na região, que também não fora encontrado informações sobre sua origem e data de origem. Aqui há um pouco de confusão nos registros encontrados, uma vez que havia anúncios de venda de um Sítio Ponta Grossa por parte de Torquato Ramos (1882), assim como Ildefonso Loyola (1896) também foi dono de um sítio de mesmo nome. e a rua que se tornara sua continuação atualmente e que conhecemos como Rua Dezesseis de setembro na Levada, também levava o mesmo nome e é possível que sua continuação, hoje chamada de Rua Santo Antônio também pudera ter a mesma nomenclatura (Ticianelli, 2020).

A rua que deu origem e possibilitou o nascimento do Vergel do Lago foi citada nos jornais como Rua Santo Antônio (figura 1) em meados de 1897. Mesmo assim, novamente repito que não uma concreta e unânime data de criação do bairro. O que temos de informação é que posteriormente todo o terreno compunha maior parte do território do Sítio Ponta Grossa e que posteriormente aparece enquanto Sítio Vergel do Lago. O terreno começava nas Águas Negras e iria até a margem da lagoa. Outros registros identificam como proprietário do terreno e do sítio o comerciante Félix Bandeira de Mello, que dá até os dias de hoje o nome de uma das principais ruas do bairro e a rua na qual foi criado.

Figura 01 - Registro do início da Rua Santo Antônio em 1920



Fonte: retirado do site historiadealagoas.com.br

Um pouco anterior a esta, mas também considera um dos “afluentes” do Vergel e do seu processo de expansão foi a construção da rua formosa, atual Silvestre Péricles, que teve origem como uma estrada que levaria ao matadouro localizado no que hoje seria o terminal rodoviário da Vila Kennedy ao fim da rua formosa com a Rua Cabo Reis. A ideia original, era a construção do matadouro às margens da lagoa, para que pudessem ser criados portos de ligação a Marechal Deodoro e Pilar, mas que foram imediatamente considerados impróprios. E foi essa tentativa de construção do matadouro pelo então prefeito Luís de Mascarenhas que resolveu adquirir uma das partes do sítio em 1911 para esta finalidade, assim como a visão de uma facilidade para serviços de saneamento e transporte entre os portos da região lagunar.

Essa primeira tentativa de Luís fora malsucedida e foi em 1915 que o governador João Batista Accioli Júnior concedesse o uso do sítio que agora era propriedade do estado para a construção do tão esperado matadouro. Em resumo, não foram cumpridos os compromissos da concessão e a posse do terreno passou por várias mãos, até que se decidiu que a construção fosse levada para Fernão Velho, alegando a falta de escoamento e declive necessário para tal obra.

Outro ponto inicial de transformação na região, fora a tentativa em 1925 durante o Governo de Costa Rego de construir um aeroporto na região, aproveitando as margens da Lagoa hoje chamada de Mundaú. Outra obra que também não foi concluída na região e dessa vez levada para o Tabuleiro do Pinto.

1.3 “Marco 0” da criação do Vergel do Lago quanto bairro e espaço social.

O estudo do espaço Urbano e dos processos de urbanização e seu desenvolvimento são fenômenos que embora possuam raízes antigas, tem sua gênese comumente relacionada ao declínio do sistema feudal e o surgimento e fomento do sistema de economia capitalista e os processos de industrialização ao redor do mundo. Weber, em sua análise a respeito do fenômeno urbano, nos apresenta que a cidade moderna do mundo ocidental é produto do capitalismo e por essa razão, resultado de determinantes universais de caráter mais econômico que cultural (Freitag, p. 41, 2006). A sociologia urbana é responsável pela investigação do meio urbano, dos seus meios de vida e do estudo da vivência destas pessoas, Oliveira Júnior, em sua dissertação sobre a urbanidade do Bairro Ponta Grossa, vizinho ao Vergel do lago, nos apresenta a urbanização como

um processo em que diversos sujeitos constituindo um espaço urbano habitada forma ao longo do tempo histórico e memorável populações e acabam por se concentrar em grandes e complexas comunidades que se torna cidade e passa a ser cortadas por ruas que se transformam em bairros (Oliveira Júnior, p.30, 2009).

Esse processo de urbanização segue em desenvolvimento em todo o mundo, encontrando-se ainda muitos países de essências rurais e com considerada baixa taxa de urbanização, que lentamente se estruturam e organizam-se em uma rede de relações e ações em determinado espaço habitado em busca de melhor infraestrutura urbana.

Chego então ao ponto de construção e talvez o mais importante na concepção inicial do Vergel enquanto Bairro e não mais como sítio numa disputa de interesses de sua propriedade. É com a cessão de parte dos terrenos do Sítio Vergel do lago, que eram planejados para virarem o matadouro da cidade, para a Arquidiocese que se inicia a construção da Colônia de Mendigos, hoje conhecida como a Casa do Pobre de Maceió (figura 02), situada na Rua Santo Antônio e em

sua continuidade na Avenida Monte Castelo que o Vergel do Lago começa a tomar forma de bairro.

Figura 02 - Casa do Pobre em 1931 durante sua construção no Vergel do Lago

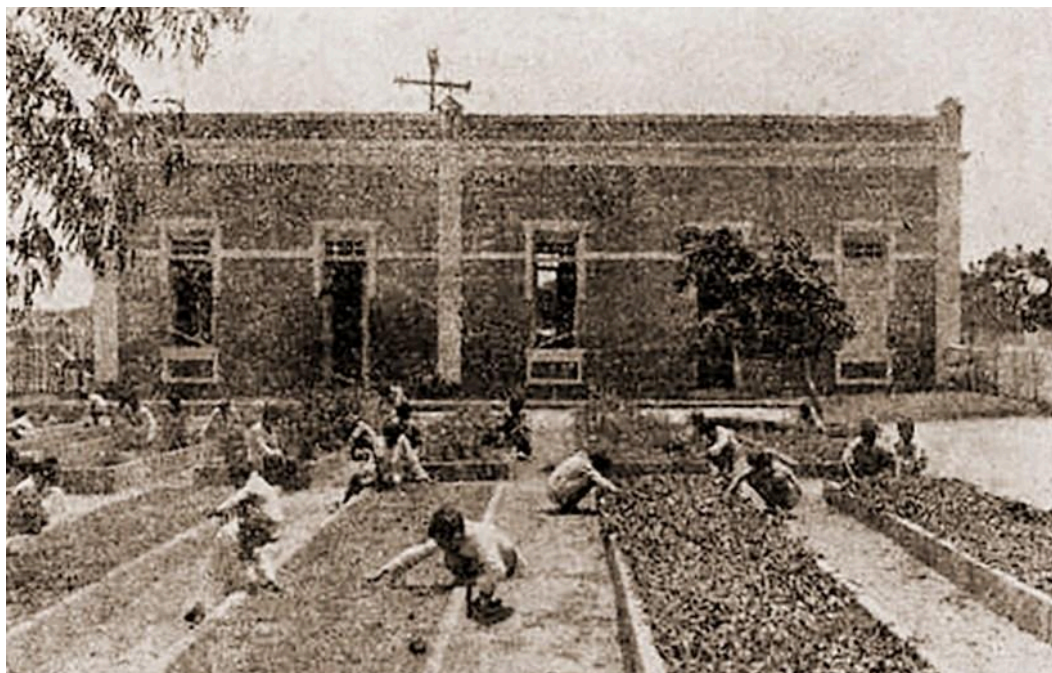


Fonte: retirado em historiadealagoas.com.br

Inaugurada oficialmente em 1932, a colônia de mendigos e/ou Casa do Pobre, é o que considero ser o “marco 0” e o primeiro movimento de transformação urbana significativa na construção do espaço físico e social do bairro do Vergel do Lago, mesmo que de forma primitiva na década de 30. Seu intuito inicial era de amparar a população necessitada da nova capital e montar uma estrutura para tentar prevenir o ócio do mendigo e/ou viciado no que era tratado como um processo de “regeneração” (Ticianelli, 2017).²

² Casa do Pobre de Maceió – História de Alagoas

Figura 03 - Pavilhão das escolas na Casa do Pobre em 1938



A casa do pobre manteve seu funcionamento nesses moldes até a década de 60, quando passou a atuar como um lar e asilo de idosos. As funções de Asilo, de lar religioso e de espaço de educação permanecem ativas na prática da Casa do Pobre até os dias atuais, principalmente atuando com a população mais carente da região.

2. Transformações urbanas do Vergel do Lago e as peculiaridades encontradas no seu processo de transformação histórica

De início gostaria de ressaltar uma observação que li ao me deparar com os desafios e perspectivas acerca do desenvolvimento de Maceió, livro este que reunia as entrevistas e impressões de representantes de ambos os segmentos econômicos da política alagoana, no caso, este é publicado durante o governo de Cícero Almeida, de 2005 até 2012, o qual encontrei arquivado no Arquivo Público do Estado de Alagoas.

Primeiramente, uma observação escrita por Zézinho Nogueira e na produção do relatório como um todo me chamou a atenção, não houve até a década de 70, um planejamento de fato para a cidade de Maceió, até então a infraestrutura da cidade obedecia às lógicas da demanda e da produção, estabelecendo suas principais infraestruturas inicialmente ou na frente ou em lugares que tivessem uma proximidade privilegiada com os portos existentes seja no jaraguá ou nos demais pontos da Lagoa.

É observado também no relatório dois pontos que também considerei de importância para compreensão da estruturação de Maceió, primeiro que na virada do Século atual, observou-se o fenômeno do êxodo rural do estado para a capital, e que boa parte dessa população migrante, que, já fugindo de uma realidade rural em um dos estados mais pobres do país, tiveram como principal foco migratório para as regiões centrais e a beira da orla lagunar, mediante as oportunidades de serviços e trabalho de subsistência e comércio local na região, como também, devido à falta de estrutura e pauperização do espaço há uma mineralização da população urbana e uma maior competição por empregos e serviços, informais ou formais. o desenvolvimento urbano reflete o modo de produção dominante na região, oriundo do sistema agroindustrial açucareiro, determinados por altos graus de concentração de renda e exclusão social (Oliveira Junior, p. 108. 2009). Soma-se a isso a exclusão da dinâmica do turismo e suas potencialidades no papel socioeconômico da região.

Observando o recentemente divulgado Perfil do estado de Alagoas de 2024, podemos ver que em 1991, 41,05% da população do estado de alagoas era rural, caindo para 31,99 na virada do século e 26,36% nos censos realizados em 2010.

Soma-se a isso, que cada vez mais tem crescido as políticas de construção e desenvolvimento de uma Maceió Turística, focada no litoral ao norte que hoje compõe a imagem de Maceió para o mundo afora.

Volto um pouco o foco as construções na região lagunar que somadas a Casa do Pobre da qual considere o “marco 0” vergelense, buscando analisar agora os grandes pontos de transformações urbanas na região, seu planejamento e tento compreender os processos que levaram a perpetuação da precarização do Vergel do Lago e de certa forma de toda região lagunar, mesmo diante de tentativas periódicas no curso histórico do desenvolvimento urbano alagoano.

Retorno um pouco na cronologia para o planejamento inicial do bairro do Trapiche, vizinho ao Vergel e que também compõe o complexo lagunar Mundaú, no início do séc. XX. Devido ao seu porto, teve um desenvolvimento férreo e posteriormente no século 20 a construção da Avenida que hoje conhecemos como Siqueira Campos.

Nesse mesmo período, a vinda de imigrantes afetados pela gripe espanhola, por volta de 1918³, causaram alterações no que se planejava para a região do trapiche do sul. É dito que os levantamentos de jornais da época informam mais de 1.000 mortes na capital superlotou os hospitais e cemitérios existentes até então, o período sanitarista que se seguiu montou um planejamento de envio e instalação dos equipamentos no sul, devido à distância com a região central e com a população mais nobre do município. Foram construídos então pelo menos três cemitérios neste percurso, o Cemitério da Piedade, o Cemitério São José e o Cemitério dos Coléricos. Além dos cemitérios, é planejada a construção de dois hospitais de isolamento e a separação de dois terrenos para matadouros.

³ A Gripe Espanhola de 1918 em Alagoas – História de Alagoas

Figura 04 -Planta da Cidade mostrando a localização dos equipamentos públicos considerados nocivos à saúde



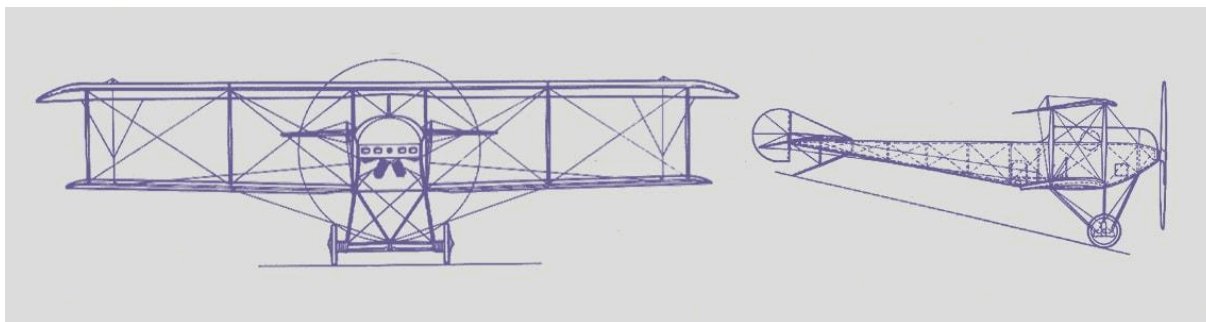
Fonte: (1998) Cavalcanti

2.1 Papel da Aviação e Segunda Guerra Mundial na modificação do espaço físico do vergel

Entre a tentativa de construção de Matadouros e a concessão do terreno para construção da Casa do Mendigo, o Vergel era visto carinhosamente como um potencial da aviação, por volta de 1925 durante o Governo de Costa Rêgo, acreditava-se que a proximidade com a lagoa e o tamanho do terreno do sítio formavam ambientes propícios para criação de um aeroporto, que seria realizado em parceria como Aeropostale. Muito importante também para essa visão, era o envolvimento do alagoano Marcos Evangelista Villela Júnior, militar e aviador que teve suma importância no desenvolvimento e produção de aviões, tornando-se o primeiro brigadeiro da aeronáutica e primeiro general aviador do exército brasileiro, tendo construído os modelos Aribu e em homenagem a sua terra o modelo Alagoas (figura 5), primeiro avião biplano construído em território brasileiro e permitiu a

possibilidade de construção de aviões em território nacional e da fomentação de uma avaliação independente (Fioravanti, 2019.).⁴

Figura 5 - Desenho do Alagoas, biplano que alcançou voo em 1918



Fonte: Por Marcos Villela Júnior

Além de Marcos, é figura importante também na história da aviação e de alagoas, a figura de Antônio Guedes Muniz, alagoano e filho de alagoanos que cresceu brincando às margens da lagoa mundaú, que mais tarde a influência do Capitão Villela, seguiu carreira militar aeronáutica e sendo responsável pelo projeto de diversos modelos aeronáuticos, normalmente com a nomenclatura de Muniz-Número abreviado, como os modelos M-1, M-2, M-3, M-4 por fim M-5 (figuras 6-7) (História Geral da Aeronáutica Brasileira, pp. 544-545). Mais modelos da aeronave foram produzidos, mas não consegui confirmar se a participação de Antônio Guedes existiu no desenvolvimento da linha ou se fora continuada a nomenclatura como homenagem ao aeronáutico.

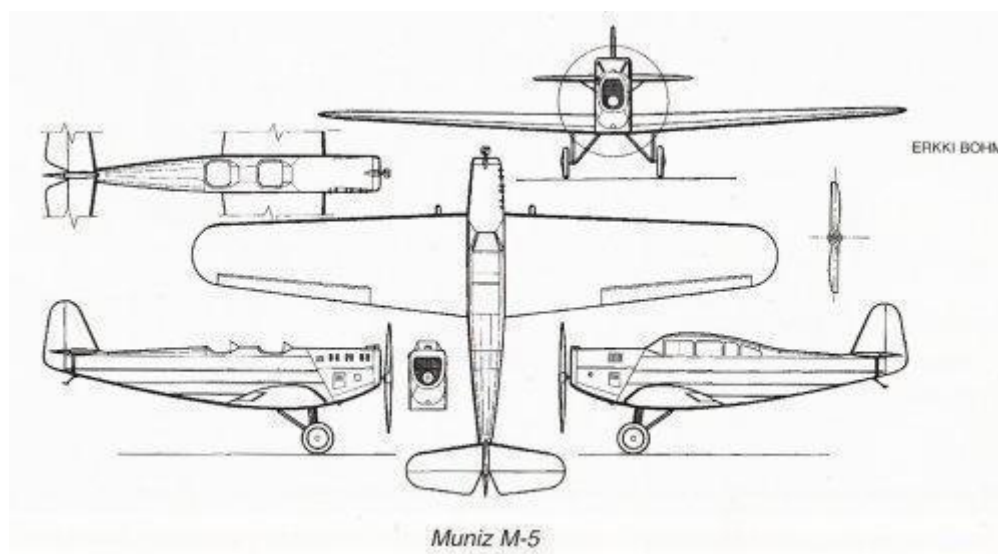
⁴ Primeiros voos : Revista Pesquisa Fapesp

Figura 6 - Modelo M-5



Fonte: <https://www.secretprojects.co.uk/threads/muniz-aircraft-brasil.12034/>

Figura 7 - Planta do Modelo Muniz M-5



Fonte: <https://www.secretprojects.co.uk/threads/muniz-aircraft-brasil.12034/>

A lagoa também teve papel na primeira viagem de avião entre as américas na década de 20, mesmo que breve, foi Registrado por Félix Lima Júnior que na lagoa

pousavam hidroaviões, quando o serviço de transporte aéreo não se fazia, como presentemente, utilizando somente aviões. Entre as descidas na lagoa deve ser lembrado o ‘Sampaio Corrêa’, do aviador cearense Pinto Martins, vindo da América do Norte, na terceira década deste século, quando se sucediam os *raids*⁵ [...] Foi ele, creio, o primeiro a pousar nas águas tranquilas da Mundaú. (Cf. Júnior, F.L., 2024)

Com todos esses fatores, a construção de um aeroporto na região do vergel do lago era tida como benéfico e apropriado de acordo com Costa Rêgo, às margens da Lagoa do Norte (Mundaú), mesmo com o lobby feito e com as predisposições acreditadas pelo governador Costa, o terreno cedido para a Aeropostale terminou sendo sido disponibilizado e construído no bairro do Tabuleiro do Pinto (Hoje Rio Largo).

Mesmo com a concessão do terreno para o Tabuleiro, a lagoa não deixou de ser utilizada para a aviação comercial, a PANAIR (Pan American World Airways) foi por muito tempo pioneira no transporte comercial de passageiros no Brasil em meados das décadas de 20 e 30, e o vergel exercia seu papel com o recebimento de pousos e decolagens na lagoa Mundaú, onde até hoje se homenageia a empresa, a localização onde era realizada os pousos e decolagens se chama atualmente Travessa Panair.

⁵ raids podem ser traduzido enquanto ataques, ou ondas de ataques de forma rápida e geralmente consecutivos por esquadrões aéreos. O dicionário de Cambridge define mais precisamente enquanto “a [short sudden attack](#), usually by a [small group](#) of [people](#)”, com livre tradução para “um súbito e curto ataque, usualmente realizado por um pequeno grupo de pessoas”.

Figura 8 - Hidroavião no Cais do Vergel. 1940



Fonte:

<https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-irmagem-dos-pobres>

Não apenas a Panair, mas como a Générale e Condor (essa realizando linhas de escalas da linha RJ-RN) também possuíam operações comerciais na Lagoa Mundaú. Com isso, o bairro atraiu interesse na construção de clubes aeronáuticos, como o Aeroclube de Maceió, mas que da mesma forma que os trâmites relacionados a construção do aeroporto do Tabuleiro (posterior Zumbi dos Palmares), a construção da pista fora tirada do vergel e lavada para serem construídas no bairro da Jatiúca.

Durante o fim da década de 1930 e a virada para a década 1940, em decorrência da dos conflitos e eventual guerra que aflige o globo, o Governo estadunidense/norte-americano até então neutros, buscavam formas de se prepararem para possíveis ataques ou de possível perda de apoio por parte dos países da América Latina, com isso e com a criação da subsidiária Panair do Brasil, começa a participar da formação urbana da capital assim como a instalação de bases de defesas e estruturas capacitadas para receberem oficiais e tropas norte-americanos, na orla lagunar e mais especificamente no bairro do Vergel. Intensificado após os ataques realizados a navios mercantes brasileiros na costa do nordeste, que iniciaram a participação brasileira de fato na Guerra.

Figura 9 - Visita de Militares à Base de *Blimps* em Maceió - 1944



fonte:

[https://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s-navy-bases-&tag=14\)usn-naf-maceio](https://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s-navy-bases-&tag=14)usn-naf-maceio)

A construção da Avenida Monte Castelo, hoje principal avenida do bairro que se conecta com a rua Santo Antônio e permite o fácil acesso do extremo da lagoa até a região central do estado, como também é lugar de principais pontos históricos de transformação na região, como o Colégio Municipal de Maceió, hoje conhecido Colégio Rui Palmeira e a Casa dos Pobres. A Construção da avenida, deu-se inclusive com o aterramento de uma grande faixa de terra, abrindo uma das áreas da Casa dos Pobres facilitando acesso aos aeródromos da lagoa e as bases estabelecidas. É nesse mesmo período que a Panair, em parceria com a prefeitura de Maceió, é responsável pelo asfaltamento e pavimentação da rua Santo Antônio, visando facilitar o acesso e permitir a ligação dos aeródromos lagunares com o aeroporto criado no Tabuleiro, através da Avenida Fernandes Lima. Ainda é possível encontrar resquícios da pista do vergel que permanece até hoje no local (Ticianelli, 2018).

Figura 10 - Pista do Vergel



Fonte:

<https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-virgem-dos-pobres.html>

É inclusive por tais heranças do período de guerra, que parte da nomenclatura de alguns pontos do vergel baseiam sua etimologia. A Avenida principal, Monte Castelo, faz clara homenagem à batalha do Monte Castelo na Itália, cuja participação brasileira foi notável.

Em 1943, foi estabelecido a construção da NAF⁶ de Maceió, ou melhor, Naval Air Facility Maceió⁷, construída também pelo exército americano visando cobrir o *gap* existente entre as tropas na Bahia e em Recife, com capacidade para servir um esquadrão completo de aviões tanto híbridos quanto de terra. Esse estabelecimento durou até o fim da Guerra e foi desestabilizado em 1945.

⁶ A Luta Antissubmarino no Brasil

⁷ Naval Air Facility, livremente traduzidas como Instalação Aeronaval. Fonte: Dictionary of American Naval Fighting Squadrons.

Figura 11 - Vista Aérea da NAF de Maceió. 1943-1945



Fonte:

[https://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s.-navy-bases-&tag=14\)usn-naf-maceio](https://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s.-navy-bases-&tag=14)usn-naf-maceio)

2.2 As transformações iniciais no período pós-guerra.

Percebe-se que a filosofia de desenvolvimento urbano da região sul não possuía planejamento, reforçando o argumento de que até as décadas de 70 e 80 não havia de fato uma lógica de planejamento urbano para o crescimento da capital alagoana, mas sim que eram espaços utilizados para atender as demandas de maiores urgências de determinado contexto, independentemente de quais fossem elas, como visto na alocação de todo o sistema sanitário, hospitalar nas regiões do trapiche, enquanto o desenvolvimento do vergel logo ao lado atingiu dois polos completamente distintos, o atendimento à população carente e sem casa da cidade na Casa do Mendigo/Casa do Pobre, e o alocamento das pretensões aeronáuticas que tomavam espaço no início do Último século somados a participação de um pensamento construtivo militarista, que destacam a arquitetura do bairro até hoje, os enormes galpões construídos outrora com pretensões militares, mas hoje buscando outras formas de utilização. É inegável que essas mudanças estruturais do período

da guerra tiveram importância na abertura da região e no seu processo de ocupação.

Os grandes galpões construídos como forma de abrigo a moradores e militares, agora não servem mais a este propósito e precisaram se readaptar a uma nova realidade, um grande exemplo nas décadas de 50-60 era a utilização de um dos galpões que fora transformado na SAVEL, abreviação de Sociedade de Amigos do Vergel, que nesse período pós-guerra, transformou-se num clube do bairro, para reunir seus moradores e realizar eventos, festas e encontros de sua população recém-formada. Curiosamente, décadas depois vi-me intrinsecamente ligado a SAVEL, tendo em vista que nas últimas décadas e ainda hoje, o espaço antes militar e posteriormente societário fora transformado em uma unidade escolar, a Escola Papa João XXIII, à qual foi aluno muito novo e que foi minha vó uma das responsáveis pela repaginação de sua utilização.

No pós-guerra, alguns fatores alteram a atenção e as infraestruturas planejadas na região lagunar, é importante contextualizar que com a chegada da década de 60, Maceió começa a registrar um grande registro de aumento populacional, decorrente das novas legislações em relação ao trabalho rural, formalizando um dos primeiros grandes movimentos migratórios da população rural para a capital urbana, e consequentemente causou grandes impactos no processo de urbanização de Maceió (Silva, Jordannya. 2011.).

Logicamente, não há como imaginar um processo migratório em massa sem considerar as características socioeconômicas envolvidas nessas relações transformativas. Parafraseando a obra de Lopes e Junqueira, para contextualizar a estratificação urbana de Maceió:

Os bairros de classes média e alta, que se formaram inicialmente junto à área central, deram continuidade à malha urbana existente e produziram novas centralidades frente ao mar e junto às principais vias de acesso à cidade, [...] Já os bairros localizados na periferia, no limite entre o campo e a cidade, com a forte presença de terras semi-agrícolas e agrícolas entremeadas de atividades urbanas receberam grande número de conjuntos habitacionais populares que se expandiram sobre encostas e grotões da região (LOPES, A.C. Junqueira, E. 2005, p 20).

Temos então a perpetuação de um processo de estratificação do espaço social que antes de certa forma natural, mas que agora toma um papel mais ativo na construção do espaço físico e social de Maceió.

De acordo com Ruben Oliven, durante o processo de transformação do Brasil para uma sociedade cada vez mais urbana, são notados quatro processos:

(1) A incipiente penetração de relações capitalistas no campo, acarretando a proletarianização dos camponeses e agricultores mais pobres que acabam migrando para a cidade em busca de trabalho; (2) Pressão causada sobre as áreas rurais, onde a introdução de melhorias sanitárias e higiênicas ocasiona na diminuição da mortalidade infantil e um aumento natural da população que não é absorvida pelas características físicas e sociais do ambiente rural; (3) A expansão das fronteiras agrícolas as quais as pessoas atingidas buscam migrar para novas terras; (4) Por fim, a atração natural que a cidade exerce sobre as populações rurais, prometendo melhorias de vida e trabalho (Oliven. 1980, p. 65).

Naturalmente, Maceió que até então não possuía estratégias planejadas de desenvolvimento de sua infraestrutura, não tem de prontidão como se preparar e fornecer a estrutura necessária. Consequentemente, o processo migratório foi realizado para regiões mais periféricas e marginais da cidade, escancarando a desigualdade socioeconômica e estrutural na cidade, e como a formação do espaço social de Maceió a partir de então adota duas políticas distintas entre a região norte do litoral mar, e o restante do litoral sul. Em discussões com colegas e orientador, sempre fui crítico a noção existente aqui em Maceió da divisão de duas partes de Maceió, a Maceió Alta e Baixa, pois considero que essa unificação da parte baixa não demonstra a realidade marginalizada dos povos residentes da região lagunar nem a segregação do espaço no contexto de nossa cidade.

É a partir do pós-guerra que se transforma de maneira mais clara aos nossos olhos o planejamento urbano pensado para as regiões da capital. O litoral central/norte, envolvendo os bairros mais centralizados como Ponta Verde, Pajuçara, Jatiúca e região começam a receber uma maior atenção no capital imobiliário e cada vez mais sendo ocupadas pelas altas e médias classes da cidade (Diegues Júnior, 2001), enquanto seus pescadores e população mais carente são aos poucos transistadas para outras regiões. Esse processo de valorização da região norte e central da parte baixa de Maceió segue firme e forte até os dias atuais, numa construção de infraestrutura vertical, alavancando a valorização monetária da região,

assim como privilegiando o espaço para aqueles que agora moram nos grandes edifícios de vista para o mar, o lazer na região é de certa forma atrelado agora ao capital cultural e econômico de quem ocupa o espaço apropriado. Mais do que nunca, e o crescimento de Maceió não se distancia muito do padrão desenvolvimentista das grandes cidades do mundo, as grandes cidades albergam tanto grandes concentrações de poder e riqueza, como desconcertantes situações de desigualdade e pobreza (Giddens, 2008.).

Em comparação, na região sul a política de urbanização já é vista de tom mais popular. Em parceria com o Governo Norte Americano e o planejamento/política de uma aliança pelo progresso, em 1964 é inaugurado o conjunto habitacional Vila Kennedy no Vergel do lago, financiado por recursos americanos e visando atender a demanda de uma população carente que buscava um lugar/espaço, como complemento de certa forma, teve também a construção da Praça Padre Cícero (figura abaixo).

Figura 12 - Praça Padre Cícero



Fonte:

<https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-irmem-dos-pobres.html>

No mesmo período (1967) houve a inauguração do Colégio Municipal de Maceió, com a função de substituir o Ginásio Afonso da Rocha Lira que ficava no Farol. O Colégio foi uma obra de grande escala e ainda é influente na educação da região até os dias de hoje, mas que hoje funciona enquanto uma das escolas da

rede municipal, em época de sua construção, atendia 1500 alunos e tinha um orçamento de 300 milhões de cruzeiros novos. O Colégio era responsável por ser a base educacional não só do Vergel, mas dos bairros adjacentes (Coréia, Ponta Grossa, Prado e Trapiche). Tenho também laços familiares em relação ao Colégio em questão, ambos meus avós foram professores e minha avó chegou a ser diretora do Colégio Municipal Rui Palmeira. A área urbanizada entre o colégio e a casa do pobre, hoje é chamada de Praça Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mas é chamada pelo imaginário popular de Praça dos Pobres

Figura 13 - Colégio Municipal Rui Palmeira.



Fonte:

<https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-irmem-dos-pobres.html>

Perpetua-se o padrão de desvalorização da região lagunar, e segue atraindo a parcela da população que é incapaz de entrar nas relações conflituosas e acessíveis do mercado de terras e imóveis, alocando-se na beirada da lagoa e em

áreas impróprias para moradia, tendo em vista que na época não possuíam condições sanitárias de qualidade, e este período que retrato ainda é anterior a construção do Dique-Estrada, o que deixava essa população com ainda mais riscos em temporadas de deslizamento e de enchentes da lagoa.

3. Dique-Estrada: maior ponto de transformação urbana na Orla Lagunar.

O Projeto do Dique-Estrada, talvez o maior ponto de transformação urbana na região da orla lagunar e consequentemente na estrutura do vergel do lago, foi proposto como uma necessidade oriunda de uma política higienista de sua época, para o aterramento das áreas alagadiças e pantanosas da região lagunar. A formação espacial de uma sociedade está intimamente ligada aos mecanismos gerais do seu desenvolvimento, e para sua compreensão, é preciso observar e analisar os processos que formam e transformam estes espaços. (Castells, 1983, Harvey, 2001). Levando isso em consideração, vamos ao projeto de construção do Dique Estrada, seu processo criativo foi uma

intervenção conjunta dos governos federais, estaduais e municipais durante as décadas de 70 e 80, com três propósitos: (1) Criar uma via de escoamento da produção da Salgema Industria Químicas S/A (SALGEMA), implantada na cidade em 1976 no Trapiche, entre o mar e a lagoa; (2) A solução definitiva contra as enchentes na região lagunar, que constou do aterro em parte da lagoa e (3) a incorporação de ilhas ao continente (OLIVEIRA, Rubens. 2011).

É importante considerar, que o planejamento do Dique-Estrada é fruto de políticas implementadas durante o período de regime autoritário vigente no Brasil e um contexto de industrialização agressiva da região nordestina, assim o governo de Alagoas/Maceió entra nessa onda de reestruturação do espaço urbano de sua capital, com novas vias e construção de canais como o Dique-Estrada, a implantação do Salgema, a construção da Via expressa e a Avenida Leste-Oeste e outras infraestruturas (Oliveira, Rubens. 2011).

Figura 14 - Imagem Aérea da construção do Dique-Estrada, o aterro do canal do trapiche e de parte da orla lagunar.



Fonte: Entre Riscos: O Futuro dos Refugiados Ambientais Atingidos Pela Mineração de Sal-Gema

Ou seja, de acordo com o urbanista Rubens, a orla lagunar atual é resultado de políticas de âmbito federal, visando a implementação de uma indústria petroquímica no Nordeste, incluindo Maceió na construção do Polo Cloroquímico de Alagoas e a construção da Salgema, com promessas de construção de uma malha ferroviária que ligasse a SALGEMA até a via férrea existente na cambona, que posteriormente foi abandonada do projeto inicial.

O aspecto físico da cidade pode ser, portanto, concebido como produto das forças de mercado e do poder de governo (Castells, 1983). Rubens nos apresenta que houve divergência no discurso prático e discurso político do projeto, que por mais que para a população fosse apresentada como a solução das enchentes periódicas e o aterramento da lagoa, com a elevação do sítio local em relação ao espaço da lagoa, mas que na prática foi fundamental na implementação de um polo industrial na região alagoana. Adiante, Rubens detalha que a principal motivação para a execução do aterro era justamente a construção de uma rodovia rodoferroviária, mas com as enchentes constantes, o poder público justificava a importância da sua construção.

Na dissertação de Rubens acerca da transformação da paisagem da Orla Lagunar, nos é apresentado uma lei importante na compreensão dessas transformações urbanas, a Lei N° 2.485 de 18 de junho de 1978, a respeito do Zoneamento do uso do Solo do aterro ao dique estrada, demonstra claramente o zoneamento e mapeamento planejado para a região, com áreas dedicadas ao turismo, a centro comunitários, educação, comércio, habitação etc., a partir de uma orientação legal de utilização e ocupação do espaço.

É possível notar a intenção por trás de uma noção completamente diferente do que se efetivou na região lagunar, do que antes se previa agências bancárias, clubes sociais e esportivos, e uma lógica de ocupação mais voltada a indústria privada, buscando conciliar os interesses econômicos da apropriação do espaço pela sociedade em geral (Oliveira, 2011). O que condiz, com as documentações dos ciclos de desenvolvimento de Maceió da década de 70 e o registro de Zézinho Nogueira já previamente citado, a respeito da tentativa da construção de uma via lagunar turística, a moldes paralelos à orla marítima da cidade.

Este processo é evidenciado historicamente na realidade da orla Lagunar e do planejamento urbano de Maceió. Busquei relatórios e estudos acerca da evolução do destino turístico de Maceió, que tem seu início de planejamento por volta do mesmo período de construção do Dique-Estrada na orla lagunar e do êxodo rural no estado. O Turismo de Maceió é marcado principalmente pelo que se chama SSS (Salt, Sun and Sea), o turismo de Sol, areia e mar. Rangel (2010). Nota-se no artigo Evolução histórica do destino do turístico Maceió-Alagoas-Brasil: de antecedentes à atual situação (Araújo, Ramos et Vasconcelos, 2016.) que em nenhum momento o planejamento turístico e econômico da cidade focou a região da lagoa mundaú como destino turístico ou com algum potencial econômico.

Assim, os efeitos resultantes, porém, atingiram resultados contrários, gerando um acúmulo populacional de moradia de menor renda, com o desinteresse geral da sociedade na ocupação do espaço e a perda de incentivo por parte do poder público. Do projeto, porém, efetivou-se a transformação na paisagem e na mobilidade da região lagunar, que permitiu maior ligação entre os bairros da região lagunar e do contato com a zona leste da capital, que levaria a políticas cada vez mais voltadas na região a habitações e conjuntos populares numa deliberada

movimentação das massas populares para os extremos da cidade, quase como um efeito intencional de suburbanização brasileiro. Por brasileiro, quero dizer que não é um processo que se assemelha ao processo de suburbanização ocorrido na sociedade inglesa, principal objeto de estudo da sociologia urbana de Anthony Giddens.

Castells em *A questão urbana*, debate sobre o processo de urbanização dependente no desenvolvimento urbano, principalmente nos países ditos subdesenvolvidos, ou melhor como recita Bettelheim, especificá-los como países "explorados, dominados e com economia deformada". Como veremos nas tentativas de construção de estrutura urbana na orla lagunar, desde sempre voltada aos "dejetos" e a sanitização, como também da pauperização e o planejamento voltado a estruturas populares de habitação e uma realidade material precária por parte de seus agentes; a desvalorização da Praia da Avenida, a de mais próximo acesso a região lagunar de maior extensão praieira, degradada pela poluição vinda do riacho Salgadinho, e o êxodo como fatores que contribuíram ainda mais para esta relação cíclica da falta de planejamento voltada a região lagunar e centro-sul de Maceió. esse processo de urbanização dependente provoca uma superconcentração de aglomerados, com uma considerável distância entre os aglomerados e de sua rede urbana de interdependências funcionais no espaço (Castells, p. 86).

3.1 Sua construção e as subseqüentes tentativas de urbanização da orla lagunar.

A efetiva entrega do Dique estrada só é realizada na década de 80, 20 anos após planejamento e início de suas obras e mesmo que seus objetivos tanto propostos em lei ou os objetivos "secundários" de apropriação do espaço não tenham ocorrido tal qual previstos vemos uma mudança efetiva no planejamento econômico alagoano, que agora tem como o setor do Turismo uma de suas principais expoentes do setor econômico. Logicamente, mesmo com o foco sendo a orla marítima, volta-se a atenção a Orla Lagunar e as possíveis mudanças e oportunidades surgidas após o término da construção do Dique-Estrada, 27 anos após o seu início, assim como as diversas tentativas de urbanização da região

lagunar. “A apropriação de seu terreno, se dá efetivamente ano após anos desde o aterramento do espaço geográfico em 1976” (Oliveira, 2011).

Naturalmente, a construção do Dique-Estrada permite e possibilita uma maior apropriação do espaço físico, pela magnitude da transformação na parte estrutural urbana do vergel e região lagunar. Cabe ressaltar, que nesse mesmo período há uma troca na responsabilidade da gestão da região, que agora passa da Secretaria do patrimônio da União para o Estado. Com isso, políticas de reestruturação do ambiente urbano são executadas, as tentativas de urbanização da orla lagunar, o procedimento de dragagem da lagoa, processo este que visava a recuperação da produção do molusco sururu, afetadas pelo processo de perda de profundidade da lagoa e a formação de bancos de areia (Melo, 1983. apud Lopes, 1999, p.19-20); A retomada por construção de conjuntos habitacionais de larga escala, estabelecendo-se cada vez mais a suburbanização da lagoa, e o afastamento das camadas mais populares das regiões centrais e de maior concentração econômica. A construção de conjuntos habitacionais mais a priorização da pesca e a atividade das marisqueiras retomam as lógicas de ocupação e hierarquização do poder na orla lagunar, as transformações históricas até então serviram como uma forma de perpetuar a simbolização do espaço social e do habitus de sua população (Bourdieu, 1997).

A primeira proposta de urbanização de 1980, buscava atender uma área de 140 km de extensão, com proposta de pavimentação do entorno lagunar, do início do trapiche até o começo do canal da Levada, a construção de equipamentos e espaço de lazer e cultura e para a prática de esportes (Oliveira, 2011). É por volta de 1984 que surgem os primeiros registros de ocupações da lagoa, mais precisamente nas regiões que se encontravam o antigo píer de pouso, a visão original de permitir uma participação maior da lagoa no contexto urbano, na construção de uma maior acessibilidade na mobilidade que permitisse a exaltação de sua beleza natural foi ao passar da década perdendo seu ímpeto.

Como antes dito, a apropriação do espaço física e o processo de reificação deste espaço (Bourdieu, 1997) dá-se no contexto na ocupação por parte de uma população mais carente, criando organizações precárias de moradia, e aos poucos engrandecendo o que por muito tempo se chamou de Favelas da Mundaú. A região,

que agora aterrada, mas desocupada atraía essa população carente que via então oportunidades de moradia e de sustento com as atividades possíveis de realizar na lagoa. (Oliveira, 2011). Não só isso, a região também atrai migrantes de outros estados ou do interior do estado, que cada vez mais enxergavam a lagoa como uma oportunidade de ocupação. Essas tendências de ocupação de baixa renda, aliadas ao crescente pensamento neoliberal que se estabelecia na economia nacional, junto ao processo de privatizações de estatais e enfraquecimento das pautas sociais contribuíram fortemente para o aumento da exclusão social e física desta região.

É o acúmulo destes processos ao longo do ano que consistentemente marginalizam e excluem uma parcela da cidadania de exercer o seu direito de ter direitos (Fontes 2018), a Construção dos Conjuntos Habitacionais Joaquim Leão em 1983 (figura 16) e os conjuntos Virgem dos Pobres I e II em 1989, já em período em que a orla lagunar era completamente ocupada pelas favelas do mundaú, reforçam a ideia e planejamento existente para a região, parafraseando uma citação encontrada na dissertação de Rubens:

Figura 15 - Conjunto Joaquim Leão em construção, vergel do lago.



fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-virgem-dos-pobres.html>

A segregação espacial urbana no Brasil se expressa por meio do agrupamento em classes sociais, etnias ou nacionalidade, sendo dominante a primeira. Afirma ainda que a segregação urbana é resultado dos desníveis sociais e de poder político da sociedade brasileira, promovendo um

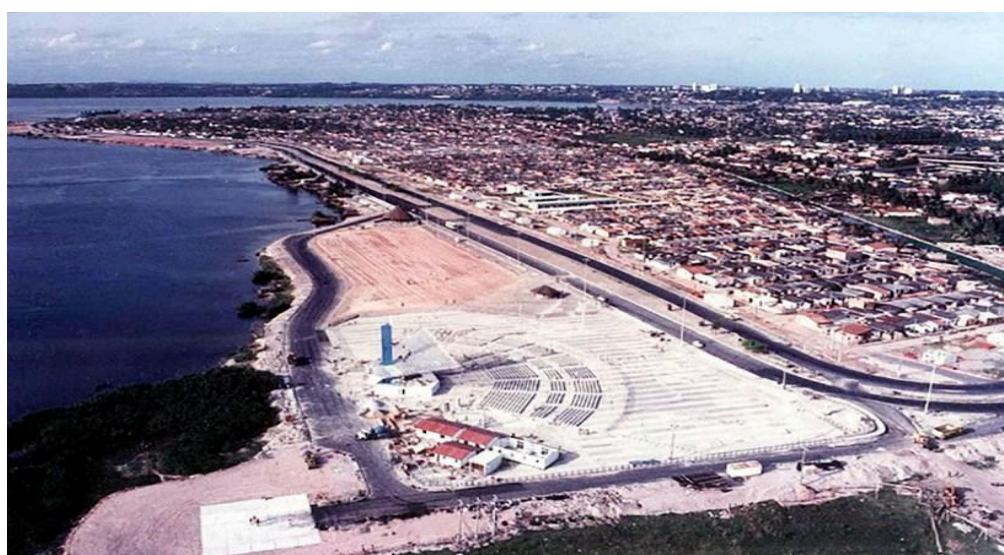
agrupamento da população por renda e desta forma “o espaço atua como um mecanismo de exclusão” (Oliveira, Rubens, 2011. Apud Villaça, 2001, p. 142).

Importante notar, que durante a construção do conjunto Virgem dos Pobres, foi a enchente ocorrida em 1988, que atingiu a grande parte da orla lagunar e deixou uma quantidade centenária de desabrigados, sendo em sua época, a 6 ou 7ª grande enchente ocorrida nos últimos 110 anos do estado. O Conjunto virgem dos Pobres I e II foram criados a caráter emergencial, dependendo de doações e de mutirão popular, ao tempo que os desabrigados foram encaminhados para acampamentos provisórios (Oliveira, 2011).

Essas obras apresentavam condições precárias na estrutura das casas, as ruas não possuíam pavimentação e novamente demonstra mais um ponto histórico de perpetuação da precarização da região lagunar, cada vez mais pobre e invisível no planejamento da cidade.

É essa forma de “autoritarismo social” (Dagnino, 1994) que organiza as relações sociais de forma hierárquica e desigual de modo a estabelecer diferentes categorias de pessoas, dispostas nos seus respectivos lugares na sociedade e cuja eliminação é fundamental para efetiva democratização da sociedade. (Fontes, 2018).

Figura 16 - Foto área que captura o conjunto Virgem dos Pobres e o local de construção do Papódromo do Vergel do Lago.



Fonte: <https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-virgem-dos-pobres.html>

A organização da região começa a ser cada vez menos participativa pelos órgãos estaduais. Partindo da sociologia urbana de Castells, o autor sublinha a importância da participação das lutas desses grupos desprivilegiados na alteração da estrutura urbana e nas suas qualidades de vida, são essas dificuldades urbanas e o abandono gradual das políticas públicas na região que me permitem traçar um paralelo das condições de vida encontradas na região lagunar com a forma que Leonardo Fontes aborda a realidade e segregação das comunidades e favelas de São Paulo:

À desigualdade socioeconômica e a estrutura de segregação residencial de nosso espaço urbano que dificultam contatos mais permanentes entre as classes sociais, inibem a troca de noções de civilidade, a construção de empatias e exclui a maior parte da população de uma série de direitos e bens de consumo coletivo tais como saúde, educação transporte etc. – além como a de dificultar o acesso a bens de ordem privada – como postos de trabalho de qualidade (FONTES. 2018. p. 70).

A participação social na construção do espaço reificado nesse segundo processo de urbanização, pode-se notar a participação dos pescadores da lagoa mundaú durante o processo de Dragagem da Lagoa, já que esta parcela da comunidade se sentia afetada pelo assoreamento da Lagoa, numa participação que visava melhorias na estruturação de pesca que permitisse um aumento na produtividade da pesca.

Alguns outros pontos e tentativas de urbanização durante este período, são trazidos na obra de Rubens um panorama geral das estruturas pensadas para o processo de urbanização, fora realizado a construção de pontos de pesca, duplicação da avenida, quadras, campos de futebol, praças, igrejas, escolas, e barracas espalhadas pela orla lagunar com intuito comercial, tentando de certa forma repaginar a orla lagunar aos moldes da orla marítima. Além disso, nessa nova visualização da lagoa em 1989 e seu processo de intervenção urbanística, a idealização de ciclovias, quadras de tênis e a pavimentação em pedra portuguesa para espelhar os pontos mais públicos da cidade. Claramente, essas concepções não levavam em conta o contexto socioeconômico da região, conforme dito por Logan e Molotch, as empresas pouco se preocupam com os efeitos causados nos espaços físico e social de suas atividades. A tentativa de espelhar o modelo de construção da orla marítima ignora a realidade socioeconômica e material dos

bairros. Tentando construir círculos e espaços reificados que não condizem com a realidade e o capital tanto econômico quanto sociocultural da região.

Em 1991, em contexto da prevista visita do papa de sua época João Paulo II a capital alagoana, fora planejado no espaço da lagoa a construção do Papódromo de Maceió, com um investimento total de R\$ 27.000.000 (vinte e sete milhões de reais), que em seu planejamento, além de estabelecer uma estrutura capaz de um evento desta magnitude, serviria como um espaço de importância religiosa para a comunidade católica não só da região lagunar, mas de toda Maceió. A realidade, porém, não poderia ser mais distante do planejado, o local encontra-se abandonado desde então, virando mais um dos depósitos de lixo a céu aberto nas proximidades da lagoa, além da falta de cuidado e manutenção realizado, fora consumida pela criação de animais e espaço apropriado pela população carente da lagoa.

Figura 17 - Papódromo em 2011



Fonte: Beto Macário/UOL

Em seu escritos acerca das cidades e os espaços urbanos, Anthony Giddens menciona o relatório criado pela Urban Task force (UTF) em 1999 no Reino Unido, onde trata de recomendações para uma melhor qualidade de vida das zonas urbanas dentro da perspectiva do ambiente urbano britânico, para isso a UTF

ênfatiza alguns pontos-chaves fundamentais para a promoção de um ambiente urbano mais saudável e produtivo, como a reciclagem da terra e dos edifícios, a melhoria do ambiente urbano, a busca pela excelência na gestão das áreas locais e o desenvolvimento da regeneração. Também nos relata, que a “renovação urbana não apenas deve ser produto político, mas que necessite de uma completa mudança da cultura, competências, autoridades locais e cidadãos médios” (Giddens, p. 585). Por fim, reforçando o papel da educação, informação e das autoridades locais neste projeto.

Minha intenção aqui, é fazer uma analogia com estas recomendações e como foram realizadas, seja por falta de planejamento ou por falha destas medidas completamente inversas às projetadas no contexto britânico. Tentativas de reciclagem da terra foram realizadas após a construção do Dique Estrada, na virada do século, influenciado pelos planos de reestruturação do espaço urbano de Barcelona, alagoas elaborou um plano estratégico em alagoas onde a Lagoa Mundaú era um dos grandes projetos do desenvolvimento de Maceió, chamado de Projeto lagoa Mundaú (Oliveira, p. 86. 2021). Retorna-se a tentativa de reestruturação da paisagem da orla lagunar, buscando potencializar sua capacidade turística e paisagística.

Reitero, que todo esse processo é atrelado a uma lógica empresarial, de potencialização turística do ponto de vista financeiro, que ignora o contexto precarizado e a realidade socioeconômica da região, processo esse construído historicamente tanto em razão da sua falta de planejamento no assentamento embrionário das terras, como no planejamento que se sucedeu durante os primeiros traços de planejamento urbano e dos incentivos à urbanização e industrialização de Maceió. O projeto nunca foi totalmente implementado, e buscava reverter as condições de precariedade dos agentes deste espaço nas últimas décadas, condições estas, já resultantes de um ciclo que se perpetua de renovação e destruição da região lagunar. Rubens, ressalta a ênfase na vocação turística nesta tentativa de reurbanização.

Contextualizando o panorama do turismo de Maceió, o que se considera o antecedente ao desenvolvimento da Maceió turística tem sua primeira etapa de crescimento na década de 70, correlacionado ao crescimento da cidade e os efeitos

de êxodo rural e o processo de urbanização do bairro da Pajuçara, que se tornou referencial com o ponto dos Sete Coqueiros e o Gogó da Ema, e consolidou-se tanto na pajuçara, ponta verde e Jatiúca a área central da urbanização turística da cidade de Maceió (2016. p.46).

A época de desenvolvimento e marcada pelo marco turístico da construção do Hotel Jatiúca, que marca Maceió como destino turístico no cenário nacional nos primeiros estágios de desenvolvimento (1979-1985) do turismo de sol e praia na cidade de Maceió. com o crescimento da rede hoteleira da cidade, e o processo de verticalização e valorização imobiliária da região centro norte de Maceió.

Em 2007, outro projeto é planejado a respeito da orla lagunar, Rubens Oliveira observa que durante a realização desses processos históricos, a repercussão das alterações do espaço sócio urbano do vergel foi atrelando-se cada vez mais a aspectos negativos, como a miséria existente na região, assim como o alto índice de desemprego e o crescimento exponencial da violência. Assim, a orla lagunar é alocada para o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal. O projeto que foi conhecido como Orla Lagunar “Sururu de Capote”, novamente pretendia alocar as famílias que ocupavam as favelas do mundaú e todas as habitações precárias de sua extensão, devido a insalubridade da região e as péssimas condições de vida. Mais uma vez, a alternativa foi a construção de unidades habitacionais, dessa vez a construção de cinco conjuntos de apartamentos. Posteriormente, após divergências e insatisfação dos moradores da região acerca de mais um conjunto ocupando espaços de lazer da lagoa, esses conjuntos foram alocados mais adiante já no Trapiche.

Durante toda minha vida acompanhei esse processo de remoção das famílias pauperizadas dos entornos lagunares, para uma nova ocupação, permitindo que estes espaços recebam novos pontos de lazer ao longo de toda a avenida. Inevitavelmente, sem esforços significativos acerca da educação e troca de informação com seus habitantes levaram à deterioração do espaço no bairro e a lagoa retornou a ser ocupada por antigos ou novos agentes em seus entornos em situação de ocupação irregular.

Giddens (ibid.) aborda a questão da gentrificação ocorrida nos países bretões, Canadá e nos Estados Unidos, a qual acredito ter sido pelo menos

planejada em diversas oportunidades do planejamento regional, mas que os processos de reciclagem urbana ocorreram com características muito distintas dos países anglo-saxões, uma vez que suas principais tentativas de urbanização sempre envolveram realidades distintas, a tentativa de repaginação da orla lagunar sem propostas eficientes de combate a inclusão social e a democratização urbana da orla lagunar, em diferentes pontos da história o planejamento se voltou a construção de novos conjuntos habitacionais de caráter popular e uma política de dependência do assistencialismo público ao invés capacitação e educação de seus agentes.

4. A Atualidade do Vergel do Lago e o retrato socioeconômico de sua população.

Recentemente, foi realizado em uma parceria da ONU com o Governo de Alagoas, o levantamento de um perfil socioeconômico da região lagunar do vergel, além do levantamento dos problemas e das propostas de solução apresentada até o ano de 2030.

Neste Capítulo busco através dos dados colhidos apresentar a realidade contemporânea da região lagunar, mais especificamente o Vergel do Lago. Durante o mesmo período de realização da pesquisa, essa colhida entre o fim de 2022 e início de 2023, começaram as entregas do último projeto e/ou tentativa de repaginação do espaço físico da lagoa, como a reforma e complexidade de criação de mais um conjunto habitacional, o Parque da Lagoa (figura 18), acompanhado de reformas na orla lagunar na tentativa de trazer uma maior visibilidade e limpeza da região, assim como alternativas no aspecto cultural e do lazer da Orla.

Figura 18 - Parque da lagoa em meados de sua construção



Fonte: Célio Júnior / Secom Maceió

A região lagunar de Maceió é descrita como uma diversidade geográfica devido a sua composição constar a existência de grotas, encostas, planícies litorâneas e lagunar. Com uma população total de 135.759 residentes de acordo com

os dados coletados. O Vergel do Lago, possuindo 26,5% da população total da região lagunar, com 35.953 habitantes.

Como forma de analisar a ocupação do espaço urbano da região lagunar, da infraestrutura urbana existente e das dinâmicas ambientais existentes na região é utilizado o Índice Brasileiro de Privação (IBP) de acordo com sua alta ou baixa classificação de privação na análise da vulnerabilidade social. O índice, desenvolvido pela fundação Fiocruz, se autodefine como uma *“medida que informa níveis de privação material ou, de um modo mais geral, níveis de posição socioeconômica, em diferentes áreas geográficas do Brasil: setores censitários, municípios, estados, macrorregiões e Brasil como um todo.”*⁸ Utilizando-se cálculos a respeito da renda, escolaridade e condição dos domicílios, possibilitando o monitoramento e avaliação das privações acerca da saúde da população.

Num total de 35.551 domicílios particulares e 119.833 moradores, o vergel consiste em uma grande parcela da região considerada como Área de Alta Privação (AAP), tendo 91% de sua população vivendo em tais condições.

A respeito da demografia compositora da região tem uma maioria feminina, com 54% de sua população mulher, com a chefia dos domicílios sendo composta por 62,4% pelas mulheres, esse número cai para 58,8% no Vergel. Sua composição racial, é dividida por 23,2% da sua população declarada como negra, 50,2% parda, 25% Branca e o restante 1,6% Amarela ou Indígena.

No que diz respeito ao direito de “existir” e do acesso à documentação, o vergel segue bem próximo as médias da região, com 96% (95,7% a média geral) de sua população tendo acesso e posse a sua Certidão de Nascimento; 86,7% (88,7%)

⁸ É uma medida que informa níveis de privação material ou, de um modo mais geral, níveis de posição socioeconômica, em diferentes áreas geográficas do Brasil: setores censitários, municípios, estados, macrorregiões e Brasil como um todo.

O IBP foi calculado utilizando informações de renda, escolaridade e condições do domicílio. Com o IBP, é possível monitorar e avaliar as condições de privação sobre a saúde da população.

O IBP foi desenvolvido por pesquisadores do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs/Fiocruz Bahia) e da Universidade de Glasgow-Escócia, dentro do projeto Social Policy & Health Inequalities (SPHI), financiado pela agência de fomento do Reino Unido National Institute for the Health Research (NIHR).

com posse de sua Carteira de Identidade (RG) e quanto ao CPF, 95,7% de sua população detém a posse destes documentos.

4.1. Educação

Como vimos anteriormente, a educação teve seu papel na constituição do espaço social e urbano do Vergel, tendo em sua gênese a casa dos pobres exercido valor educacional, e da posterior construção do Colégio Municipal de Maceió, hoje ocupado pela Escola Municipal Rui Palmeira. Particularmente, a educação no bairro do vergel exerceu papel constituinte na minha formação e no espectro de ocupação da minha família e estabelecimento na região.

Fui criado com meus avós na região lagunar, e há mais de 50 anos ambos estão ligados a educação da região e do município de Maceió, ambos são contribuintes do setor público e foram professores no Colégio Rui Palmeira, assim como no antigo Colégio Cenecista Élio Lemos que hoje também compõe a rede municipal de educação de Maceió, sendo atualmente conhecida como Escola Municipal Nosso Lar I e também do Colégio Papa João XXIII da qual é diretora até os dias de hoje, espaço esse que hoje ocupa o galpão que antes fora a Sociedade dos Amigos do Vergel, a SAVEL. Sinto que é importante ressaltar, que historicamente esses lugares citados exerceram contribuição importantíssima na prestação de serviços à comunidade, uma vez que são historicamente e até os dias atuais espaços constantemente ocupados durante períodos de enchentes dos domicílios da região lagunar.

Além disso, há 20 anos opera no Vergel o colégio criado pela minha avó, o Colégio Maria José Omena, em homenagem à mesma. Este da rede privada de ensino, mas que fora criado com o intuito de ofertar ensino por uma faixa acessível de matrícula e mensalidade.

Voltando aos dados encontrados, a região lagunar ainda não se encontra em situação de universalidade da educação, com uma média de 87% de sua população alfabetizada, estes números são semelhantes no Vergel, com um pequeno acréscimo para 87,7%. O vergel também não apresenta variabilidade da alfabetização em relação a privação de sua área. Ambas ABP (Área de Baixa Privação) e AAP encontram-se em 88% de alfabetização no bairro. A variação apresenta nos dados colhidos uma característica decrescente de acordo com a

idade, variando de 88% de alfabetização nas camadas acima de 15% ou mais, e 67% na população já estatisticamente considerada como idosa (60% ou mais). A distribuição da alfabetização também não apresenta marcantes diferenças estatísticas em relação ao gênero, com uma margem de diferença de 2%, 89% de homens alfabetizados e 87% de mulheres. Em relação a cor (Branco e Negros assim como está diferenciado na pesquisa), a população negra consiste 88% de alfabetização e 87% na população branca.

Já em relação ao acesso e redes de ensino, no Vergel do Iago, 64,3% da sua população está matriculada nas redes públicas de ensino (municipal e estadual), 29% frequentam a rede privada e 6,8% de sua população não frequenta a escola. Esses dados dizem respeito à proporção dos jovens, especialmente de 10 a 17 anos. A frequência escolar no vergel segue com baixa variação em relação ao IBP, com 91% de frequência nas áreas de AAP e 86% em ABP. Assim como encontramos que 88,4% dos vergelenses atende escolas no próprio bairro.

O Vergel tem sua distribuição de grau de instrução de população acima de 25 anos dividida em, menos de 1 ano de instrução, responsável por 14,6% da população. 25,4% dos agentes relatam ter Ensino Fundamental Incompleto, enquanto aqueles com fundamental completo, mas ensino médio incompleto constituem 17,9% no bairro. 39,9% da população acima de 25 anos possui ensino médio completo e apenas 2,3% com ensino superior no bairro. Diferente dos dados anteriores, a proporção de pessoas com ensino médio completo na área sofre uma variação significativa a depender do IBP analisado, os moradores enquadrados em ABP compõem uma proporção de 54% das pessoas com ensino médio completo. Já em relação a AAP, apenas 38% destes possuem ensino médio completo.

4.2. Trabalho e Renda

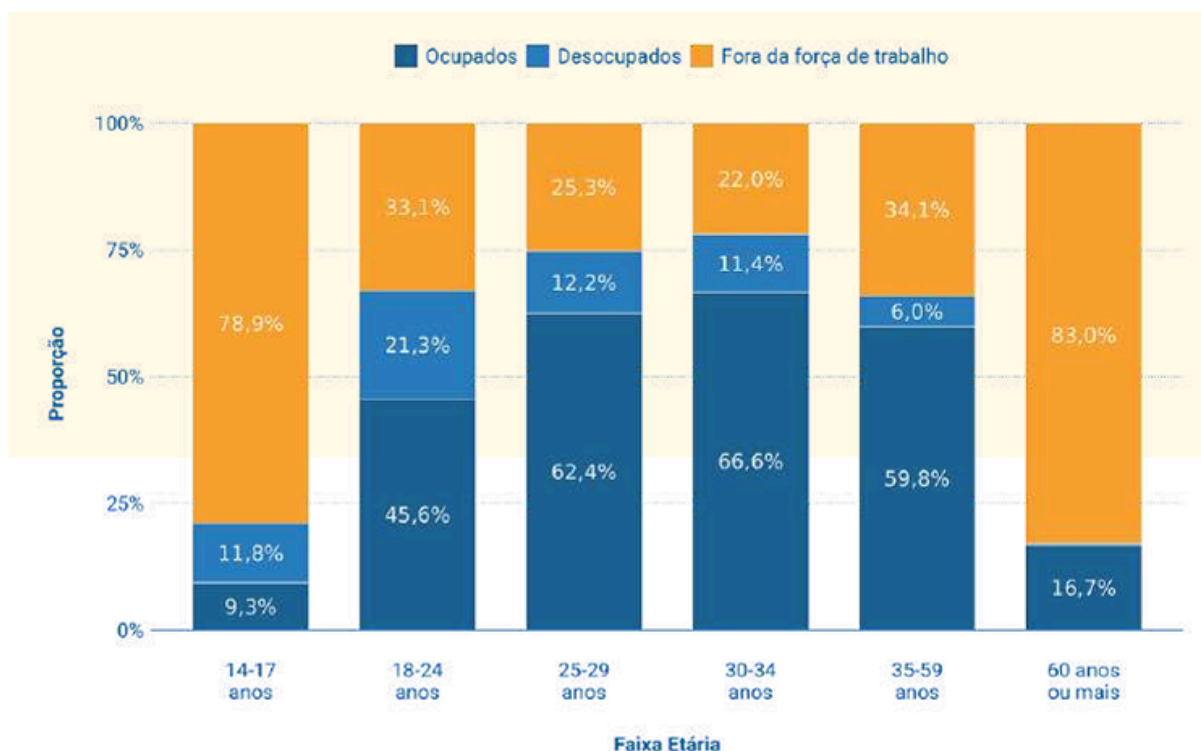
Em relação ao trabalho, os dados encontrados no perfil socioeconômico da região lagunar, nos apresentam dados relativos a uma população acima dos 14 anos, e seu estado de atividade e ocupação, a partir de perguntas a respeito da ocupação recente com retorno remunerado e se estes exerceram algum tipo de trabalho remunerado posterior algum tipo de afastamento. Com isso, o Vergel encontra-se num quadro onde 52,4% de sua população encontra-se *ocupada*, 13,3% enquanto *desocupados* e 34,3% que atestam estar fora da força de trabalho,

estes últimos caracterizados pela não ocupação de uma função como também que não estão ativamente procurando um trabalho.

Quanto a distribuição por idade e sexo de maneira geral na região Lagunar, temos um recorte desbalanceado, mesmo a maioria dos domicílios tendo como chefia a mulher (62,4%), são os homens (37,6%) que ocupam a maior taxa de ocupação (63,4%). Quanto às questões étnicas/raciais, não há variação tão significativa na proporção racial dos desocupados, tendo 9,8% das pessoas pretas e pardas e 7,6% entre os brancos. Essa diferença cresce um pouco quanto em relação àqueles ocupados, 49,7% da população negra e/ou parda branca da região encontra-se ocupada e 44,9% de sua população declarada branca.

O recorte etário da região, entre a faixa da adolescência inicial de 14 a 17 anos, 78,9% encontram-se fora da força de trabalho, repete-se o padrão na faixa mais velha da população, onde a partir dos 60 anos 83,0% da população encontra-se fora da força de trabalho.

Figura 19 - Gráfico retirado do Perfil Socioeconômico da Região Lagunar,



Fonte: dados.al.gov.br

A taxa de desemprego regional encontra-se em 9,1% na região lagunar, em comparação a média municipal encontra-se em 10,5%. Quanto ao Vergel do Lago, 13,3% de sua população encontra-se desempregada. O grande recorte econômico da região se dá numa faixa de rendimento mensal de meio salário-mínimo até dois salários-mínimos (SM). 90,2% da população feminina na região lagunar enquadra-se nessa faixa salarial e apenas 9,8% recebem acima deste valor. Quanto aos homens, 17% encontram-se acima da faixa dos dois salários-mínimos, enquanto 83% dividem-se entre faixas de meio SM (11,7%), de meio a um SM (40,8%) e de um a dois SM (30,6%). Essa distribuição no lado das mulheres está entre meio salário (20,8%), de meio a um (50,8%) e de um a dois 18,6%).

O rendimento médio da região encontra-se na faixa de 1,2 SM e no vergel do lago encontra-se uma variação muito baixa dessa renda em relação aos domicílios em situação de ABP e AAP, flutuando entre 1,2 SMs em baixa privação e 1,4 em relação a alta privação.

As residências apresentaram uma relação positiva entre sua instrução e renda, aqueles com menos de 1 ano em sistemas educacionais (89,2%) ocupando uma faixa de rendimento menor que o salário-mínimo e 10,8% destes acima de um SM. Os responsáveis pelo domicílio com ensino fundamental incompleto nos apresentam *splits* de 80,3% e 19,7% em até um SM e acima de um SM respectivamente. Com ensino fundamental completo e médio incompleto, esses *splits* nos mostram 59,7% da população em até um SM e 40,3% acima de um SM. Com ensino médio completo, 54,8% recebem até um SM e 45,2% acima de um SM. Por fim, aqueles com Ensino Superior nos mostram uma distribuição de 15,1% recebendo até um SM enquanto 84,9% dos compositores constituem uma renda mensal superior a um SM.

A população vergelense também apresenta uma distribuição balanceada entre a localização de seu trabalho, 11,2% de sua população trabalha em casa e/ou por via de home office. Enquanto 42,3% de sua população trabalha no próprio vergel e 42,9% em outros bairros de Maceió.

Quanto à setorização da ocupação desses moradores, o Vergel tem 42,0% de sua população atuando no setor privado, 9,9% no setor público e 45,5% trabalhando

autonomamente. A prática do trabalho informal é predominante na região, e é responsável por 46,1% da distribuição do trabalho no bairro.

4.3. Assistência Social

Como pode-se imaginar, as condições socioeconômicas e precarização da região lagunar e do Vergel do Lago andam atreladas a políticas de assistencialismo social na região, como uma forma de suprir as necessidades existentes devido à falta de estruturação e infraestrutura regional. A região tem uma grande parcela de sua população atendida por políticas públicas de proteção e benefícios sociais. Durante o período pandêmico, o Auxílio emergencial atingiu números não significantes estatisticamente nos domicílios como um todo, mas o Vergel, como antes visto pelo alto índice de APA e desemprego acima da média regional, age como um *outlier*, sendo atendido pelo auxílio em 23,4% de seus domicílios. Para efeitos comparativos, o segundo bairro da orla lagunar mais atendido pelo programa foi o bairro da Levada, com uma margem percentual de 12,6%.

Quanto ao acesso à aposentadoria e/ou pensão, o Vergel tem em sua composição demográfica, 37,5% de sua população atendida por tais benefícios. Por fim, a bolsa família, atinge e beneficia quase um $\frac{1}{4}$ (24,3%) da orla lagunar, sendo responsável pela composição da renda de 29,0% do Vergel do Lago.

Novamente, faço menção a construção do mais recente conjunto habitacional e tentativa de reurbanização da orla lagunar, o Parque da Lagoa, que durante sua construção contratou moradores da região para a construção do conjunto, faz parte do programa Minha Casa, Minha Vida e isenta do pagamento de parcelas aquelas famílias que estão incluídas no Bolsa Família ou no Benefício de Prestação Continuada (BPC).

4.4 Saneamento e Acessibilidade a água na região Lagunar

Um dos capítulos e metas do planejamento Alagoas 2030, e a disponibilidade e sustentabilidade das redes sanitárias de esgoto e da acessibilidade à água, duas dinâmicas em patamares opostos a décadas na região lagunar. O acesso à água de maneira geral é satisfatório na maior parte dos bairros, tendo o vergel 98,5% de acesso à rede geral de água. Em compensação, apenas 45,1% de seus domicílios têm acesso a uma rede de esgotamento sanitário.

A distribuição do tipo de esgotamento sanitário na região, além do acesso à rede geral, que no vergel como mencionado, atinge menos da metade de sua população, 10,8% dos dejetos são despejados em valas, que em comparação ao censo de 2010 apresentou um acréscimo de 1,8%, assim como 44,2% dos despejos são ligados à fossa séptica.

É importante notar que no mesmo período nota-se o crescimento do despejo indesejado no bairro da Levada, entupindo constantemente o canal da levada, no levantamento de frequência das chuvas, 47% da população da levada afirma que frequentemente as ruas são alagadas quando chove, logo a região torna suscetível a enchentes em quaisquer chuvas prolongadas, dificultando tanto as questões da mobilidade urbana da região, tendo em vista que o canal da levada é uma das principais formas de acesso à região lagunar, pela ligação da avenida Governador Afrânio Lages e o acesso dado à Avenida Senador Rui Palmeira. Assim como também, a constante poluição existente não só no canal da levada, mas em diferentes pontos da orla lagunar contribuem para uma situação precária tanto no aspecto paisagístico da região como nas consequências desenvolvidas também no âmbito da saúde pública.

A Região da orla lagunar não possui infraestrutura preparada para o grande acúmulo de água das chuvas, assim como boa parte da infraestrutura domiciliar da região, principalmente nas favelas da Brejal, nos interiores da Levada e nas favelas da Mundaú, que ficam a cada chuva mais forte extremamente suscetíveis a enchentes domiciliares e acabam por buscar refúgios em pontos de abrigo e coleta de mantimentos, em eventos que são de certa forma canônicos na realidade da região.

Figura 20 - Avenida Senador Rui Palmeira alagada no canal da levada, 2016



Fonte: Jonathan Lins/G1

Figura 21 - Situação de algumas casas durante enchentes corriqueiras no canal da levada



Foto: Jonathan Lins/G1. 2016

O alto índice de poluição da lagoa e seu nível de contaminação traz consequências gravíssimas no aspecto socioeconômico da região, tendo em vista que uma das principais fontes de trabalho e sustento existentes era justamente a pesca. A escassez dos peixes se faz cada vez mais presente, ocorrendo “hiatos” de meses na reprodução biológica e do ecossistema lagunar. Em uma reportagem retirada da Tribuna Hoje em decorrência de uma pesquisa realizada na Ufal, encontra-se algumas entrevistas realizadas com pescadores da região nos trazem

alguns relatos que destacam essa escassez. O pescador Antônio Amaro ao ser questionado sobre as condições atuais responde aos jornalistas que:

Passamos quase cinco horas pescando e só conseguimos uma carapeba. Uns dizem que é por causa da Salgema, mas eu não sei, não posso afirmar nada. Quando a maré enche um pouquinho é que a gente consegue um peixe ou outro. Mas, antigamente, nessa época era bagre, mandi, carapeba, Camorim. Agora, está muito fraco”, contou. *(Trecho retirado da Reportagem de Lucas França e Luciana Bender em 2022.)*

Ainda não há, durante a realização da minha pesquisa, informações e dados mais concretos acerca das consequências ambientais dos deslizamentos de terras e afundamento do solo em decorrência da exploração do sal-gema realizado pela BRASKEM. Na pesquisa de Lucas e Luciana, encontra-se a fala do líder da Colônia de Pescadores Z4, do bebedouro, que acredita encontrar as maiores dificuldades atuais nos impactos causados pelo assoreamento e afundamento do solo, que transformou diversas regiões de pesca em áreas de risco, constatando 40% da lagoa como afetada pelos impactos ambientais.

Por outro lado, a BRASKEM reitera não soltar compostos químicos na lagoa e mais recentemente, que os tremores ocorridos na mina 18 no fim do ano de 2023 não possuíram impacto nas condições biológicas da lagoa. Fora também realizado em 2023, uma pesquisa do Pesquisador e Professor da UFAL, Emerson Soares, na qual atribuiu-se a escassez de peixes e desaparecimento do sururu ao alto nível de poluição que aflui de diferentes pontos da cidade, mas também ao lançamento de produtos químicos que na época da pesquisa não tinha sido determinado a sua origem, ao ponto que escrevo este trabalho, não encontrei mais informações a respeito.

Ao que me diz conhecimento, desde o fim de 2022 são realizadas tentativas de limpezas através dos Ecoboats visando a retirada de toneladas de lixo da lagoa, em um processo de limpeza e tentativa de conscientização ambiental. Dito isto, repete-se o cenário dito acima, durante a produção deste trabalho, não encontrei registros recentes destas limpezas.



Foto: Secom Maceió

Acho importante a menção a estes fatores, pois um dos grandes símbolos culturais do estado e de extrema importância simbólica e comercial no bairro era justamente a pesca do Sururu, forma de sustento de inúmeros pescadores e marisqueiras da região, que antes proliferavam em todas as partes mais rasas da lagoa, mas que agora encontra-se em seca e sumiço por longos períodos. A lagoa Mundaú possuía características e oferecia condições propícias para a proliferação do marisco e sempre aparecia em enormes proporções, facilitando assim um pouco a economia da região nas oportunidades de trabalho oferecida quanto também a sua importância alimentícia e cultural, levando em consideração que o Sururu é considerado Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas, e o único que vem diretamente das águas de sua lagoa.

O sururu também exerceu um fator de grande importância no que se trata do pertencimento a lagoa e a criação do imaginário coletivo da região, tendo em visto que a prática de sua pesca era por muitas vezes geracional. Também compõe uma parcela significativa dos povoados as margens da lagoa, exemplificado melhor pelas favelas Sururu do Capote, habitações de extrema precarização sem condições de saneamento básico, com esgotos a céu aberto e fonte de transmissão de doença devido às péssimas condições existentes (SILVA, Jordannya, 2011).

Figura 23 - Lixos a céu aberto na região onde se encontra o complexo sururu de capote



Foto retirada do portal folhadealagoas.com.br

A lagoa é também vítima do desaguamento de 40% do esgoto da capital, de acordo com a reportagem, cenário que vi perpetuar desde minha infância no bairro e que segue corriqueira atualmente, a extrema poluição a céu aberto tanto na lagoa quanto nas suas redondezas.

Figura 24 - Poluição nas margens da lagoa



Foto: Edilson Omena

Da minha experiência própria do período vivenciado pelo vergel, alguns pontos apresentados por Jordannya se confirmaram na minha realidade; a presença de esgotos domésticos é quase unânime no bairro, com esgotos turvos e um descaso ao tratamento do esgoto da região, qualquer princípio de chuva é sinal de alagamento e da presença de ratos e ratazanas pelas ruas do Vergel, além de que a presença da chuva agrava a precarização dos bueiros e sarjetas do bairro, que estão constantemente obstruídos e com uma lentidão no seu escoamento. Também não há, como apresentado por Jordannya, uma noção do encaminhamento das valas de esgoto no bairro, apenas canais construídos no vergel e na levada e que desaguam no mundaú, gerando um ciclo de poluição e contaminação desenfreado. Que inevitavelmente retiram o valor turístico de possíveis novas políticas públicas atreladas a região, uma vez que boa parte do condicionamento político atual da infraestrutura maceioense responde ao turismo.

Figura 25 - Lixo nos arredores da lagoa mundaú, Vergel do Lago.



Foto: Edilson Omena

Retomando um pouco as questões socioeconômicas da região, apenas 58,2% do Vergel tem acesso a água encanada diariamente e ininterruptamente, abaixo da média regional de 62,3%.

Durante a realização da pesquisa, 100% do bairro possuía acesso à energia elétrica, e constato que durante a realização da pesquisa estão sendo feito a troca dos postes e painéis elétricos da região, diminuindo as condições precárias de

instalação das fiações elétricas que eram suscetíveis a curtos e incêndios. Quanto à falta de energia, 35,6% dos moradores do vergel alegam falta de energia pelo menos uma vez ao mês.

Por fim, em relação a coleta de lixo, a região lagunar possui um amparo bom de coleta em frente aos domicílios de uma maneira geral, com média de 94% de coleta rente as portas, entretanto, essa média cai consideravelmente no vergel, indo a 78,7%, e o restante da sua divisão em 10,4% nas caçambas e 11% em outros destinos não detalhados. Em relação a frequência, o Vergel apresenta dados extremamente precários, com 74,8% de sua população tendo seu lixo sendo coletado menos de uma vez por semana, e 23,6% detalhando no máximo uma vez por semana. No âmbito da reciclagem, o vergel também é um dos bairros menos eficientes da região, onde apenas 21,8% dos domicílios efetuam uma separação dos lixos para coleta de maneira prática e eficiente.

O Vergel apresenta também o maior índice da região no que diz respeito a respostas da frequência do alagamento das ruas e domicílios na região lagunar, onde 28,4% da população afirma que sempre que chove as ruas alagam no bairro, e 10,0% afirmando que sempre alaga o domicílio quando chove.

Retomando um pouco a questão dos esgotos a céu aberto, 66,8% das casas do vergel são consideradas próximas a esgotos ou depósitos de lixo.

4.5 Habitação e dinâmica imobiliária

Uma das metas, seria justamente o fornecimento de habitação sustentável, acessível e segura em preços acessíveis para a população lagunar, além de que seja possível que estas tenham acesso a todas as benesses urbanas no que tange os serviços básicos de urbanização, lazer, cultura e saúde.

No vergel, encontrou-se 79,9% da população com registro em cartório de suas casas e 10% de forma realizada por promessas de compra e venda, com uma divisão de 42,8% suas casas sendo próprias, 40,4% do mercado de aluguel e 16,8% composto de domicílios cedidos. Ainda foi questionado, a intenção e vontade de sair do bairro por parte de seus moradores. No vergel, 55,2% da sua população não se vê saindo do bairro onde moram, enquanto os que justificariam a troca de bairro, encontram-se como motivos uma possível melhora de renda e posição social

(16,7%), o tamanho do domicílio (11,5%), violência (9,5%) e outros compondo o restante da divisão (15,4%).

Novamente, reforço que durante o período, encontrava-se em obras e com entrega parcial de alguns apartamentos do conjunto habitacional do Parque da Lagoa, mais uma das inúmeras tentativas de reconstrução do espaço lagunar, dessa vez com maior aporte financeiro e de uma escala maior, considerando que o projeto original tem a promessa da entrega de apartamentos para o atendimento de 1.776 famílias da região, o que consiste em uma das maiores obras já realizadas pelo programa Minha Casa, Minha vida no país. O orçamento da construção, inicialmente divulgado pela prefeitura seria de R\$ 140.000.000 (cento e quarenta milhões de reais), mas em registros do gov.com.br posteriores, dá-se um investimento total de R\$201.200.00 (duzentos e um milhões e duzentos mil reais), aproximadamente 114 mil reais por apartamento.

A medida, também busca realocar os moradores dos entornos da lagoa, principalmente das favelas lagunares para o novo conjunto habitacional, mas devido a demanda populacional, foram realizados sorteios com divulgação no Diário Oficial do Município, até o momento o registro mais recente do último sorteio foi realizado em agosto de 2024¹⁰, com a entrega de 400 apartamentos. Ao total, 1.074 apartamentos foram sorteados do total de 1.776.

4.6 Aspectos da Violência Urbana

Entre todos os aspectos que mencionei para tratar da realidade urbana de Maceió e da realidade da Orla Lagunar, até agora um dos tópicos da configuração social do nosso espaço foi “deixado” de lado. A violência é tratada historicamente em nosso estado como um fenômeno irrefreável, como visto, nossa formação histórica é marcada por uma história de disputas e conflitos, tanto no campo físico quanto político.

Analisando em contextos mais recentes, é um fenômeno crescente da violência em nível urbano após o crescimento da urbanização de Maceió, Alagoas

9

retirado

em:

<https://maceio.al.gov.br/noticias/seminfra/construcao-de-residencial-parque-da-lagoa-transforma-paisagem-da-ortla-lagunar>

10

retirado

em:

<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2024/07/02/veja-lista-de-sorteados-para-400-apartamentos-do-parque-da-lagoa-em-maceio.ghtml>

em pouco tempo passou de 600 mil habitantes para mais de 2/3 milhões em pouco mais de três décadas. Porém, este processo de crescimento veio sem o amparo das condições estruturais necessárias, a geração de empregos, atrações e/ou estabelecimentos que fornecessem uma economia saudável e sustentável dentro de uma realidade de grande desigualdade socioeconômica resultante da estratificação social pós-urbanização de Maceió. Em 2017, 1% da população de Maceió era detentora de 12,82% da riqueza per capita, enquanto os outros 50% mais pobres do estado detém 14,29% desta renda. Esta disparidade somada ao perfilamento existente por parte da população mais pobre, de maioria negra e parda; aos índices educacionais e taxa de escolaridade baixa, são fatores utilizados para percepção da explosão dos índices de homicídio no Estado durante a virada do Século (Nascimento, 2017).

Os aspectos da violência da qual tratamos no período contemporâneo é considerado por Nascimento uma nova forma/prática da violência. Esta nova tendência, reflete um crescimento da violência homicida, com isso, observamos que o aparato da violência, que por muito tempo esteve atrelado aos aparelhos estatais e elites econômicas adquire um novo fator nessa dinâmica do monopólio regular da violência, fator esse que se trata do surgimento e elevação de patamar do Crime Organizado em nosso cotidiano.

A realidade do Crime Organizado já se faz presente na organização do espaço do vergel e da disputa do espaço pelas facções organizadas que fazem presença em toda a região lagunar, principalmente entre as maiores facções do país, o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (C.V), além do surgimento de uma terceira via nesse fluxo criminal, no surgimento dos “Neutros” a partir de 2017 que gerou uma grande reconfiguração da estrutura do crime, a partir de dissidências de aliados e formação de novos núcleos. Mesmo antes do surgimento dessa terceira via, os conflitos relacionados aos pontos de venda do tráfico já se acentuaram na realidade urbana e o crescimento dos picos de violência eram exponenciais. (Rodrigues, 2021). Apesar disso, não há material bibliográfico suficiente acerca das dinâmicas e configurações do poder paralelo da violência na região, dificultando um aprofundamento específico neste quesito.

Voltando ao relatório da ONU-Habitat em parceria com o estado, temos alguns indicadores a respeito da perspectiva da comunidade acerca da violência urbana, apenas como medir a percepção da violência e da criminalidade no cotidiano dos bairros a partir de seus agentes. Essa percepção foi recebida com uma média de 55,9% na região Lagunar, mas com um salto significativo para 77,0% no Vergel do Lago. Os crimes com maior taxa de incidência são os crimes de Roubo e Furto, sendo ambos encontrados com maior incidência no bairro do Vergel, com 37,9% do bairro reconhecendo alguém que já foi vítima de um roubo, e 30,1% de vítimas de um furto.

Importante notar, que a recepção de dados acerca da violência detém algumas particularidades além da capacidade analítica, uma vez que não se pode contar com total transparência em alguns casos, como normalmente visto em situações de violência doméstica ou dentro de relacionamentos.

Em contrapartida aos dados de roubo e furto, a grande maioria do vergel considera seguro os hábitos de trânsito a pé no período da manhã, com 71,5% de sua população enquadrados na categoria de muito seguro, 22,1% seguro e apenas 6,3% de sua população considerando inseguro ou muito inseguro.

Já no período posterior às 22 horas, a percepção é bem diferente do período matutino. A percepção geral fica em torno de 30,3% de seus habitantes em sensação de insegurança, e somente 30,3% consideram-se seguros. No Vergel, 50,4% de sua população relata insegurança ou muita insegurança no trânsito noturno.

5. Considerações finais

Bárbara Freitag (2008, p. 23) em *Teorias da Cidade* (2008) retrata que Simmel, ao analisar as cidades, trata estas como frutos da sua própria formação histórica, e enxergo a formação histórica da região lagunar como a formação "das sobras", e das promessas não alcançadas e do abandono da lagoa que teve seu por muito tempo um papel importante na construção histórica de Alagoas. o seu desenvolvimento atual é por muito tempo visto de uma forma Blasé, da valorização monetária acima de tudo e apatia pelas condições da classe social baixa da região.

Os processos históricos envolvidos na construção e formação social de alagoas, Maceió e mais especificamente no caso deste trabalho do bairro Vergel do Lago e sua ligação com toda região da Orla da Lagoa Mundaú, nos apresenta um histórico de conflitos cíclicos durante o estabelecimento do estado de Alagoas, que evidentemente dificultou o desenvolvimento econômico de toda sua região em seus processos embrionários.

Durante o planejamento Urbano de Maceió, o Vergel e Região Lagunar se encontram no que considero duas etapas cronológicas que separam as suas dinâmicas, mas não necessariamente alteram suas particularidades e características socioeconômicas, assim como a reificação do seu espaço. Em primeiro momento, o planejamento da Orla Lagunar é marcado justamente pela sua falta de planejamento, atrelando-se contribuições sanitárias e de despejo nos primórdios da organização urbana da capital alagoana, como também é utilizado sempre para a ocupação e locação das excedências surgidas em seu contexto urbano. Como pode-se notar, as primeiras funções sociais da região já foram ligadas ao assistencialismo social, na construção da Casa dos Pobres e gradualmente a ocupação das parcelas mais carentes marginalizadas da sociedade nas margens lagunares, visando a utilização da lagoa como um modo de manter e gerar vida e trabalho.

Em segundo momento, a construção e planejamento do Dique-Estrada é um evento de reorganização das estruturas socioespaciais, se mal-intencionada ou não, a dinamização deste espaço é marcada por um grande processo de segregação socioespacial histórica, aqui, trato a segregação social a partir da concepção de que:

um processo no qual os contatos presenciais entre grupos sociais distintos são minimizados, dificultados e/ou restringidos como consequência de condições espaciais intencionais, espontâneas ou imprevistas. Essas condições incluem separação, distanciamento, esquivações, barreiras visuais, demarcações territoriais materiais ou simbólicas e restrições de acesso a diferentes modos de transporte. Além disso, usamos o termo segregação socioespacial para denotar também o resultado desse processo, ou seja, as situações espaciais e sociais concretas em um ponto específico no tempo (Peres, O. M., Saboya, R. 2024. p 4).

São estes processos cíclicos de construção de conjuntos habitacionais, medidas de reurbanização do espaço lagunar e posterior abandono destes projetos que vem ditando o cotidiano de seus moradores a mais de 50 anos. Há um desligamento muito grande das tentativas de repaginação da Lagoa em relação à realidade material histórica dos seus moradores.

Sugiro também, uma discussão a respeito da separação/distinção na nomenclatura da divisão administrativa da cidade de Maceió, pelo menos no que tange ao que se considera a Parte Baixa de Maceió, as realidades vividas e a exploração das potencialidades da Orla Lagunar e da Parte Centro-norte da Orla Marítimas não poderiam ser mais distintas, aquele que contemplam apenas a realidade vivida nos Bairros turísticos de nossa capital assim como a Jatiúca, Pajuçara, Ponta Verde e demais componentes não poderiam estar mais descolados da situação de extrema precarização existente a apenas quilômetros de distância.

As diferenças encontradas no planejamento urbano entre duas regiões tão próximas ao centro urbano de Maceió é tremenda, por um lado a região centro-sul é marcada pela pauperização do espaço e pela permanente reestruturação deste (Harvey, apud, Giddens p. 579), só que de maneira cíclica entre tentativas de construções e abandonos, como o Papódromo, as tentativas de reformas da orla lagunar marcadas por interesses comerciais e da infraestrutura, ou melhor, falta de infraestrutura da orla lagunar, e os diversos conjuntos habitacionais da região. O Processo é determinado pelo foco das grandes empresas e dos centros de investimentos para o desenvolvimento urbano e essa realidade é pertencente historicamente ao centro norte da capital, e nos dias de hoje continua nos bairros já citados, nas novas áreas de interesse, expandindo-se para além da cruz das almas no litoral norte na constante relação predatória do capital sobre o espaço.

Vânia Maria Cury (1999), considera que as metrópoles contemporâneas potencializam o grave mal-estar do atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, em fatores como a pressão populacional sobre os bens e serviços urbanos, e as dinâmicas de disputa pelos terrenos disponíveis. Maceió não fugiu de ter o lucro comercial e capitalista como motor de suas transformações urbanas e alocações espaciais, como evidenciado nas dinâmicas da economia SSS e até os dias de hoje na propagação das políticas econômicas voltada ao turismo, dessa vez rumando ao norte do litoral alagoano.

Freitag (2008, p. 137), ao abordar Milton Santos e sua obra “Espaço dividido”, observa a proposta de divisão do espaço no estudo das cidades em dois circuitos, o superior e inferior, caracterizados pela modernização tecnológica e pelo resguardo para as populações mais pobres, na organização primitiva do trabalho, pouco capital e estoque reduzido respectivamente (Freitag, *ibid.*). Estes circuitos resultam das desigualdades envolvidas nestes processos de modernização e da alocação de renda, principalmente nos países subdesenvolvidos (da Silva Leite, 2021, p.173 apud Santos, 2008 [1979], p.38). Para o autor, ambos circuitos são frutos do mesmo processo e grupo de fatores chamados de Modernização Tecnológica, o circuito inferior é então, produto indireto deste processo, não se beneficiam totalmente dos progressos técnicos, mas se caracterizam por suas complexidades e originalidade, seja na produção artesanal ou manufatureira ou como um tipo de mão-de-obra útil em serviços e está comumente ligada à pobreza.

Ao tratar sobre a questão da globalização como perversidade, Santos retrata os fatos que acompanham esse último estágio de formação do capitalismo financeiro, gerador de concentração de renda, bem como da pauperização de massas urbanas e continentes inteiros (FREITAG. 2008. pp.137-138).

A centralização do capital nos bairros centrais responsáveis pelo maior acúmulo de capital na cidade, e como também mencionado, seguido muito das dinâmicas de uma política econômica fortemente apoiada pelo turismo, segue um crescimento nos seus índices econômicos nos últimos anos, sendo responsável por 36,04% do PIB do estado, segundo dados da Assessoria de comunicação da Secretaria Municipal da Fazenda, tendo crescido na capital de 19,88% de 2021 para o início de 2024, elevando-se ao quinto colocado na região nordeste. Em

compensação, ao analisarmos o Mapa da desigualdade das Capitais desenvolvido pelo Instituto Cidades Sustentáveis, Maceió encontra-se como a 21ª capital no país, numa avaliação dos 40 indicadores com base em diferentes levantamentos e pesquisas, como o Censo, PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) e o SNIS (Sistema Nacional de informações).

Por fim, apesar de no âmbito pessoal, estar receoso a respeito das consequências e da continuidade dos mais recentes projetos devido a traços paralelos aos anteriores procedimentos de reurbanização da região, não posso deixar de ressaltar a magnitude e pelo menos ambição dos novos projetos, que a curto prazo, tem mudado um pouco a paisagem da região e momentaneamente seu déficit imobiliário. Cabe também, observar as propostas apresentadas pelo relatório da ONU-Habitat e o Governo do Estado, para o plano de uma maior sustentabilidade da região, inclusão social e que não se perca as características e particularidades tão importantes de uma região tão importante para nosso estado.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Fátima. **Maceió agora**: perspectivas e desafios. Maceió: Prefeitura de Maceió, 2012. Encontrado no arquivo público de Alagoas.

BRANDÃO, Moreno. **_História de Alagôas_**. Penêdo: Artes Graphics, Typ. e Pautação de J. Amorim, 1909, p. 1-61.

BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**; vários tradutores. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. pp 159-166.

CARVALHO, Cícero Pércles de. **Formação Histórica de Alagoas**. 6. ed. Maceió: Edufal, 2021. ISBN 978-65-5624-084-8.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2006, 3ª ed.

CURY, Vania Maria, **Marx, Engels e as cidades no capitalismo**. Anais do IV Colóquio Internacional Marx Engels, 1999. Disponível em: <https://unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m1c3.pdf>

DA SILVA LEITE, Gabriel Carvalho. **DUALISMO E BIPOLARIZAÇÃO EM PAÍSES PERIFÉRICOS**: ASPECTOS CENTRAIS DAS TEORIAS DE JULIUS BOEKE, JACQUES LAMBERT E MILTON SANTOS.. Salvador, BA: - Revista de Desenvolvimento Econômico, Ano XXIII, N° 48. UNIFACS, 2021. 164-180 p. v. 1.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **O banguê nas Alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura nacional. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1949, cap. 1.

DUARTE, Rubens de Oliveira. **The Lagoon Coast of Maceió**: appropriation and landscape (1960-2009). 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

FONTES, L. de O. (2018). **Do direito à cidade ao direito à periferia**: transformações na luta pela cidadania nas margens da cidade. *Plural*, 25(2), 63-89. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs.2018.153617>

FREITAG, Barbara. **Teorias da Cidade**. 3. ed. Campinas: Papius, 2008.

GIDDENS, Anthony - **Sociologia** 6ª edição, cap 18 – As cidades e os espaços Urbanos. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2008.

LIMA JÚNIOR, Félix. **Maceió de outrora**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1976.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Edições Catavento, 2000.

LOPES, Alberto Costa; JUNQUEIRA, Eliana (coord). **Habitação de Interesse social em Maceió**. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2005.

NASCIMENTO, Emerson Oliveira do. **Acumulação social da violência e sujeição criminal em Alagoas. Sociedade e Estado** [online]. 2017, v. 32, n. 2 [Acessado 30 outubro 2024], pp. 465-485. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3202009>>. ISSN 1980-5462. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3202009>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José de. **É subúrbio isto aqui** : urbanidade e memória dos moradores do bairro de Ponta Grossa Maceió Alagoas. 2009. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

OLIVEN, RG. **Urbanização e mudança social no Brasil**, cap IV: Dimensões Sociais do Processo de Urbanização no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. 146 p. ISBN 978-85-7982-001-4 . Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

ONU-HABITAT BRASIL -- Prosperidade Urbana Sustentável e Inclusiva no Estado de Alagoas: Uma Iniciativa Integrada, implementado em parceria com o Governo do Estado de Alagoas.. <https://dados.al.gov.br>, 2024. Disponível em: <https://dados.al.gov.br/catalogo/dataset/regiao-lagunar-dados-e-informacoes-qualificadas>. Acesso em: 28 out. 2024.

PERES, Otávio Martins e SABOYA, Renato. **Segregação socioespacial, morfologia da expansão e fragmentação socioeconômica em cidades brasileiras de porte médio**. Revista Brasileira de Gestão Urbana [online]. 2024, v. 16 [Acessado 30 outubro 2024], e20230192. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/2175-3369.016.e20230192>>. Epub 06 Set 2024. ISSN 2175-3369. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.016.e20230192>.

RODRIGUES, Fernando De Jesus. NEUTROS:: novos atores criminais, o combate local às facções nacionais e os homicídios em Maceió, Alagoas. **SBS: Sociedade Brasileira de Sociologia**, 2021. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/neutros-novos-atores-criminais-o-combate-local-as-faccoes-nacionais-e-os-homicidios-em-maceio-alagoas/>. Acesso em: 30 out. 2024.

SILVA, Jordânnya Dannyelly do Nascimento. **Urbanization and health in Maceió AL**: the case of the neighborhoods of Lake Vergel, Jacintinho and Benedict Bentes. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

SILVA, Roniel Sampaio. O que é Sociologia urbana?. **Café Com Sociologia**, 2022. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/o-que-e-sociologia-urbana/>. Acesso em: 23 out. 2024.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **_Metamorfose das oligarquias_**. [2. ed.]. Maceió: Edufal, 2009, cap. 1-3.

TICIANELLI, Eduardo. **Vergel do Lago, dos sítios até a Virgem dos Pobres**. Blog História de Alagoas, 2018. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/vergel-do-lago-dos-sitios-ate-a-irgem-dos-pobres.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

TICIANELI, Eduardo. **A Gripe Espanhola de 1918 em Alagoas**. História de Alagoas, 2020. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/a-gripe-espanhola-de-1918-em-alagoas.html>. Acesso em: 11 out. 2024.

TICIANELI, Eduardo. **Aeroclube e a história da aviação alagoana**. Blog História de Alagoas, 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/aeroclube-e-a-historia-da-aviacao-alagoana.html>. Acesso em: 11 out. 2024.

TICIANELI, Eduardo. **Casa do Pobre de Maceió**. Blog História de Alagoas, 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/casa-do-pobre-de-maceio.html>. Acesso em: 10 out. 2024.

Outras Referências

FIORAVANTI, Carlos. Primeiros voos: Militar alagoano construiu dois modelos de avião nacionais que voaram em 1917 e 1918 no Rio de Janeiro. **Pesquisa FAPESP**, 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/primeiros-voos/>. Acesso em: 29 set. 2024.

FRANÇA, Lucas ; BENDER, Luciana. Contaminação tóxica reduz drasticamente pesca na Lagoa Mundaú: Pesquisa da Ufal aponta ambiente aquático poluído e hostil, contaminado por produtos químicos e metais pesados, com baixa oxigenação, assoreamento e salinidade alterada. *tribunahoje.com*, 2023. Disponível em: <https://tribunahoje.com/especial/2023/11/08/18-contaminacao-toxica-reduz-drasticamente-pesca-na-lagoa-mundau>. Acesso em: 15/10/2024.

FOLHA DE ALAGOAS. Descaso: população reclama do abandono da orla lagunar de Maceió. **Folha de Alagoas**, 2023. Disponível em: <https://folhadealagoas.com.br/2023/11/22/descaso-populacao-reclama-do-abandono-da-orla-lagunar-de-maceio/>. Acesso em: 15/10/2024.

GAZETAWEB. Gripe espanhola de 1918 provocou caos e fez milhares de vítimas em Alagoas: Confira a história da última grande pandemia e como ela se espalhou por Alagoas e por todo o Brasil. *Gazetaweb.com*, 2020. Disponível em: <https://www.gazetaweb.com/noticias/cultura/gripe-espanhola-de-1918-provocou-caos-e-fez-milhares-de-vitimas-em-alagoas>. Acesso em: 15 out. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE ALAGOAS. **Alagoas 200 anos**. Maceió: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://fliphtml5.com/lgex/ukaq/basic>. Acesso em: 24 nov. 2024.

INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA (INCAER). **História geral da aeronáutica brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia; Rio de Janeiro: INCAER, 1990.

v. 2: De 1921 às vésperas da criação do Ministério da Aeronáutica. Disponível em: <https://www2.fab.mil.br/incaer/index.php/clube-livro/tabela-livros>. Acesso em: 24 nov. 2024.

LACERDA, Lucas. Maceió é a 6ª capital com maior desigualdade do país. *THN1*, 2024. Disponível em: <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/maceio-e-a-6a-capital-com-maior-desigualdade-do-pais/>. Acesso em: 25 out. 2024.

MANOEL, Mauricio. as seminfra Construção de residencial Parque da Lagoa transforma paisagem da orla lagunar Construção de residencial Parque da Lagoa transforma paisagem da orla lagunar. **Prefeitura de Maceio/ASCOM**, 2021. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/seminfra/construcao-de-residencial-parque-da-lagoa-transforma-paisagem-da-orla-lagunar>. Acesso em: 24 out. 2024.

NEVES, Rafael; MADEIRO, Carlos. Capitais têm abismo de renda, violência, saúde e saneamento, mostra estudo. *UOL*, 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/03/26/mapa-da-desigualdade-ranking-geral-entre-capitais.htm>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SANTOS, Wellington. Governo de Alagoas e ONU-Habitat fortalecem parceria e anunciam novos projetos inclusivos para Alagoas: Busca ativa na orla lagunar e estudo de projeto de lei para o Digaê! são os próximos passos do Programa Visão 2030. **TRIBUNA HOJE**, 2024. Disponível em: <https://tribunahoje.com/noticias/cidades/2024/08/10/142118-governo-de-alagoas-e-onu-habitat-fortalecem-parceria-e-anunciam-novos-projetos-inclusivos-para-alagoas>. Acesso em: 01 nov. 2024.

SEFAZ, Ascom. Maceió registra maior crescimento do PIB entre as capitais do Nordeste: Investimentos da Prefeitura se refletem em indicadores econômicos positivos. *Jornal de Alagoas*, 2024. Disponível em: <https://www.jornaldealagoas.com.br/economia/2024/03/01/4947-maceio-registra-maior-crescimento-do-pib-entre-as-capitais-do-nordeste>. Acesso em: 25 out. 2024.

SIXTANT.NET. **Construção da Naval Air Facility Maceió na Lagoa Mundaú**. 2007. Disponível em:

[https://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s-navy-bases-&tag=14\)usn-naf-maceio](https://www.sixtant.net/2011/artigos.php?cat=u.s.-navy-bases-in-brazil&sub=u.s-navy-bases-&tag=14)usn-naf-maceio). Acesso em: 30 set. 2024.